

BB2.D1
EBBm
BnA

AS
BACANTES

35.671
BnA

Doação de
para Biblioteca Pública Municipal de
Americana em 01.03.77

© - Copyright desta edição, 1976
Abril S.A. Cultural e Industrial, São Paulo.

EURÍPIDES

(484? - 406 a.C.)



RIZZOLI

"Em Eurípides, o ponto de apoio espiritual não está mais no céu ou na consciência, mas sim no feixe de significados que a consciência projeta sobre o mundo. Para ele, o homem autêntico é aquele que ultrapassa a fatalidade, assumindo-a."

(René Schaerer)



PHILIPPE HALSMAN

Repudiada por Jasão, Medéia vê seu amor transformar-se em ódio. (Na foto, Judith Anderson, no espetáculo do National Theatre. Nova York, 1947.)

Assim como os mitos que inspiraram suas tragédias, a vida de Eurípides também é narrada em numerosas versões. Uma delas, fruto da tradição erudita antiga, assinala o ano de 480 a.C. como o de seu nascimento. E, para juntar a esse fato um momento histórico de Atenas, acrescenta que no mesmo dia gregos e persas travavam uma decisiva batalha defronte à ilha de Salamina, onde o poeta veio à luz. Completando a série de grandiosas coincidências, essa lenda informa ainda que no mesmo instante do nascimento de Eurípides, Ésquilo (525-456 a.C.), então já um autor consagrado, lutava na batalha de Salamina, e Sófocles (496?-406 a.C.), adolescente, ensaiava o coro que cantaria nas cerimônias em honra ao deus Apolo.

Os estudiosos mais modernos preferem dar crédito à inscrição de mármore de Paros, uma cronografia grega do século III a.C., que situa no ano 484 a.C. o nascimento de Eurípides.

A origem do terceiro grande tragediógrafo grego também é objeto de controvérsias. Segundo alguns de seus contemporâneos, Eurípides era filho de um taverneiro, Mnesárquidas, e de uma verdureira, Clito. Mas o historiador Filocoro (século III a.C.), mostrando-o como portador da chama nas procissões de Apolo, nega essa filiação humilde, pois só os adolescentes de elevada condição social podiam exercer tal função.

Seja qual for a verdade, o certo é que Eurípides recebeu uma educação completa nos moldes da época: foi discípulo de filósofos como Anaxágoras (500-428 a.C.) e Protágoras (480-440 a.C.), cujas idéias o influenciaram. Foi também treinado em atividades atléticas, que logo abandonou; mais tarde diria que “de todos os milhões de pragas da Grécia não havia nenhuma pior que a raça dos atletas”. Preferiu dedicar-se à pintura e à música — conhecimento este que usaria para compor as partes cantadas de suas tragédias.

UM TEMPERAMENTO REFLEXIVO E MELANCÓLICO

Sob o governo de Péricles (495?-429 a.C.) — a quem admirava a ponto de exaltá-lo em algumas de suas peças provavelmente sob o nome do herói Teseu —, Eurípides viu Atenas florescer e embelezar-se. E por isso mesmo estremeceu de orgulho por haver nascido dentro dos vastos domínios atenienses — que na época se estendiam até a Ásia Menor.

Nesse espírito patriótico, quando Atenas começou a longa guerra contra Esparta, em 431 a.C., Eurípides tomou das armas para lutar na frente de batalha, e colocou seu talento a serviço dos ideais humanistas da poderosa cidade, que se opunham às ambições bélicas de sua adversária.

No decorrer da guerra, Péricles foi afastado do poder, e tiranos impiedosos assumiram o mando de Atenas. Eurípides viu partirem para o exílio muitos de seus amigos — entre os quais o velho mestre, Protágoras — pelo crime único de não concordarem com a nova ordem. Ele próprio viveu durante algum tempo sob a ameaça de banimento, por criticar as instituições e colocar em dúvida, em algumas obras, a existência dos deuses.

Para cumular o ciclo de infortúnios, em 429 a.C. Eurípides viu morrer seu herói, Péricles, vítima da peste que ceifou grande parte da população ateniense. Tornou-se então mais arredio — ele que já era amante da solidão, desde a adolescência passando dias inteiros dentro de uma gruta junto ao mar, lendo, meditando, escrevendo.

Seus contemporâneos não entendiam esse temperamento reflexivo e melancólico. Diziam, entre outras coisas, que Eurípides odiava as mulheres — embora tivesse casado duas vezes. Era verdade que com a primeira esposa, Melito, não fora feliz. Mas dela tivera três filhos, dois dos quais começavam a enveredar pelos caminhos do teatro: um como ator, outro como dramaturgo. Diziam também que sua segunda mulher, Corilê ou Coriné, tinha vários amantes, e disso, afirmava o cômico Filodemo, ria-se toda Atenas. Eurípides não encontrou outro jeito de escapar à chacota senão deixando a cidade que amava.

Também nesse ponto as versões diferem. Parece mais provável que Eurípides foi expulso como blasfemo. Primeiramente seguiu para a Magnésia, na Ásia Menor. Depois, em 408, transferiu-se para a Macedônia, onde se hospedou na corte do rei Arquelau. Aí encontrou o músico Timoteu, o pintor Zêuxis, o



Cega de dor, a princesa Creusa ergue os braços para o céu. É ela a primeira vítima da vingança de Medéia. (Cenas do mito de Medéia. Museu delle Terme.)

historiador Tucídides (460?-395 a.C.), e outros nomes ilustres de Atenas e com eles formou uma espécie de “universidade no exílio”. Na Macedônia morreu, conta-se que estraçalhado pelos mastins de seu anfitrião. Era o ano 406 antes de Cristo.

Os verdadeiros artistas e intelectuais choraram quando souberam de sua morte. Sócrates (470-399 a.C.) lamentou a perda do único dramaturgo que conseguiu fazê-lo assistir a uma peça. Sófocles, já idoso, vestiu-se de luto e foi ao Odeon entoar cânticos à sua memória. Embora não aprovasse a posição de Eurípides, o autor de *Édipo Rei* admirava-lhe o talento; comparando-se a ele, em certa ocasião declarou: “Eu pinto os homens como deveriam ser; Eurípides os pinta como eles são”.

A INTENSIDADE DAS PAIXÕES

Eurípides escreveu quase uma centena de peças, das quais sobreram, inteiras, apenas um drama satírico — *O Ciclope* —

e dezessete tragédias: *Alceste* (438 a.C.), *Medéia* (431), *Hércules* (430), *Os Heraclidas* (429), *Hipólito*, *Portador da Coroa* (428), *Hécuba* (425?), *As Suplicantes* (424?), *Andrômaca* (420?), *As Troianas* (416?), *Íon* (415?), *Electra* (414), *Ifigênia em Táuride* (413), *Helena* (412), *Oreste* (408), *As Fenícias*, *Ifigênia em Áulis* e *As Bacantes* — escritas provavelmente em 406 a.C. Alguns autores atribuem-lhe ainda uma outra tragédia, *Reso*.

De sua primeira tragédia, *As Peliades*, apresentada no curso dramático de 455, em Atenas, restam apenas fragmentos. A obra aborda o tema de Medéia, concentrando-se no episódio da morte de Pélias por suas próprias filhas.

Nos fragmentos dessa tragédia esboça-se já um dos traços fundamentais da obra de Eurípides, que o distinguiria de seus antecessores e constituiria uma de suas grandes contribuições para o teatro grego: o realismo psicológico. O heroísmo dos homens e a exaltação dos deuses, presentes tanto em Ésquilo como em Sófocles, cedem lugar, em Eurípides, à exposição do que há de mais íntimo e convulso na criatura humana. As reações das personagens interessam-lhe mais que a história a ser narrada na peça — história obrigatoriamente extraída dos mitos, conforme a tradição trágica. Suas figuras vivem atormentadas por sentimentos intensos e dolorosos, que as fazem beirar os limites da loucura. Tudo que elas fazem é a partir desse estado de alma, nada é resultado do castigo divino — salvo algumas exceções, como a cruenta morte de Penteu, em *As Bacantes*, e o infanticídio cometido por Hércules na tragédia homônima.

Os deuses não têm autoridade moral para castigar os homens, pois também erram e não dão sequer mostras de arrependimento. Em *Íon*, o protagonista censura asperamente Apolo por haver seduzido e abandonado uma pobre mortal, e chega mesmo a desafiar-lo: “Se tens poder para isso, pratica a virtude!”

A existência dos deuses é, para Eurípides — como para os sofistas, seus mestres —, uma questão aberta. Ora tende a aceitá-la, porém formula a tese de um único deus, negando o politeísmo vigente na Grécia. Ora tende a acreditar que apenas o acaso rege o universo. Em *Hécuba*, a heroína, horrorizada ante a violência da guerra, pergunta: “Quem acredita na raça dos deuses?” E em seguida responde a si mesma: “É o acaso que governa todas as coisas entre os homens”.

Sabendo que suas peças eram diligentemente analisadas pelos governantes, zelosos da fé popular, Eurípides, depois da derro-



Cleide Yáconis (Medéia) e Jonas Mello (Jasão), no espetáculo dirigido por Silney Siqueira em 1970.

cada de Péricles, tratava de escamotear muitas vezes sua verdadeira posição. Passou a falar com sutilezas, a enxertar prólogos e epílogos povoados de deuses que pouco têm a ver com a peça em si e na maioria são imperfeitos, mostrando-se como concessões de última hora. Muitas vezes oferece dois finais: um ditado pela lógica interna da obra, outro ditado pela tradição ou pela ordem vigente e, freqüentemente, em contradição com o primeiro. Por isso sua obra aparenta uma certa ambigüidade em relação aos deuses, que ora são negados, ora aparecem como seres desprezíveis, ora são tratados com veneração.

Também por influência dos sofistas — principalmente de Protágoras, que situava o valor do indivíduo em suas próprias qualidades, e não em sua classe social —, Eurípides dá um grande passo à frente de seus contemporâneos, valorizando em suas peças categorias socialmente marginalizadas, como a mulher, o camponês, o escravo, o estrangeiro. Pintando-os como seres humanos — muitas vezes mais dignos que o ateniense livre e orgulhoso de sua origem —, procura mostrar que as desigualda-

des sociais não são naturais e que os defeitos e as virtudes não se transmitem hereditariamente.

Embora se refira à mulher, em algumas passagens, como um ser "mais temível que a serpente", ou "o pior dos monstros", abomina a condição submissa a que ela é obrigada. Em *Medéia*, a heroína profere um discurso sobre os direitos da mulher que, centenas de anos mais tarde, seria entoado pelas inglesas que reclamavam o direito de voto, no século XIX.

Ao lado de heroínas inteiramente passionais, capazes de crimes terríveis como Medéia e Fedra, aparecem mulheres de grande nobreza de alma e dignidade, como Alceste, que se oferece para morrer em lugar de seu esposo, ou Ifigênia, que não hesita em sacrificar-se para que os gregos possam seguir viagem rumo a Tróia. Essas heroínas, diz o crítico John Gassner, levam a crer que Eurípides tentava mostrar a mulher como um ser completo, inteiramente humano, com capacidade de escolha e decisão, e tão suscetível de errar quanto qualquer homem. Acreditava, talvez, que a sociedade seria melhor se as mulheres fossem encaradas como criaturas de méritos iguais aos dos homens.

Para criticar as decisões políticas de Atenas, Eurípides utilizou em várias tragédias o tema da epopéia de Tróia. Assim, em *As Troianas*, pinta com cores sombriamente reais o drama dos vencidos e a humilhação imposta aos prisioneiros. Em *Hécuba*, que retoma o tema da destruição de Tróia, como que lança um aviso ao opressor: as vítimas não ficarão para sempre impotentes; um dia elas reagirão, com fúria e violência. Em *Helena*, Eurípides apresenta a causadora da guerra de Tróia como um fantasma raptado por Páris em lugar da verdadeira Helena que, assim, jamais saíra de Esparta e jamais traíra seu marido; os dez anos de luta e destruição teriam sido, portanto, inteiramente inúteis, em nome de um fantasma.

Do ponto de vista do espetáculo, Eurípides contribuiu com apenas duas grandes inovações, ao contrário de Ésquilo e Sófocles, que renovaram a encenação em vários pontos. O prólogo é uma de suas contribuições; trata-se de um resumo dos antecedentes da tragédia, isto é, dos acontecimentos que levaram àquele momento trágico focalizado pela peça. Sua outra inovação é conhecida como *Deus ex machina*; havia no teatro grego uma máquina rolante, a *mekanè*, usada para trazer à cena personagens importantes ou inesperadas. Eurípides utilizou-a para apresentar um deus que surgia repentinamente para resolver situações inso-



Extremamente individualista, ascético e crítico, Eurípides foi precursor do pensamento e da arte cosmopolita do helenismo e de Roma. (Estátua de Eurípides. Cópia de um original do século IV a.C. Paris, Museu do Louvre.)

lúveis, ou apenas para dar à tragédia o final conhecido através do mito e nem sempre respeitado pelo autor.

A AVENTURA DOS ARGONAUTAS

Embora seja uma das mais belas criações de Eurípides, *Medéia* obteve um modesto quarto lugar no concurso dramático de 431 a.C., realizado em Atenas. A tragédia refere-se à mítica princesa da Cólquida que participou da aventura dos Argonautas. Essa lenda, narrada por poetas anteriores não só a Eurípides, mas também provavelmente até a Homero (século IX a.C.), ilustra o desenvolvimento da navegação grega e as lutas pelo domínio do comércio no mar Negro.

No prólogo da peça, a ama de Medéia resume os antecedentes da tragédia. Como a lenda era do conhecimento da platéia, esse resumo apenas relembra alguns episódios mais marcantes, deixando de mencionar uma série de acontecimentos que o espectador moderno, sem maior familiaridade com a mitologia grega, possivelmente desconhece.

O pai de Jasão, Éson, reinava tranqüilo sobre Iolcos até o dia em que seu irmão, Pélias, o atraiçooou, apoderando-se do trono. O pequeno príncipe deveria ser morto pelo usurpador, mas este, persuadido de que o menino era enfermo e não viveria o bastante para reclamar a coroa, deixou-o crescer longe da corte, aos cuidados do sábio centauro Quirão.

Aos 20 anos, Jasão volta a Iolcos, com alguns jovens de sua idade, disposto a recuperar o trono. Pélias concorda em entregar-lhe o poder, desde que Jasão lhe traga o tosão de ouro, pele de carneiro divino, pertencente a Eetes, rei da Cólquida, que o guarda sob a vigilância de um dragão eternamente insone. Jasão manda construir uma nave — a Argo —, reúne mais alguns heróis — entre os quais o próprio Hércules — e parte rumo à Cólquida, em cujas praias aporta.

A princípio Eetes recusa-se a ajudá-lo, mas, ante as súplicas de sua filha Medéia, repentinamente enamorada, consente em entregar-lhe o tesouro depois que ele subjugasse dois enormes touros que lançam fogo pelas narinas e ferem o chão com pesadas patas de bronze, e arasse o campo do deus Ares para semear os dentes de um dragão; dessa estranha sementeira nasceriam gigantes armados, que Jasão deveria enfrentar.



PHILIPPE HALSWMAN

Surda à compaixão que lhe demonstra o coro — composto pelas mulheres de Corinto —, Medéia toma uma resolução: antes de partir deixará três cadáveres: "O pai, a filha e meu esposo".

Dona de poderes mágicos, Medéia oferece-se para ajudar o jovem, mas também impõe sua condição: que ele a leve consigo para a Grécia e a ame para sempre. Jasão tudo promete.

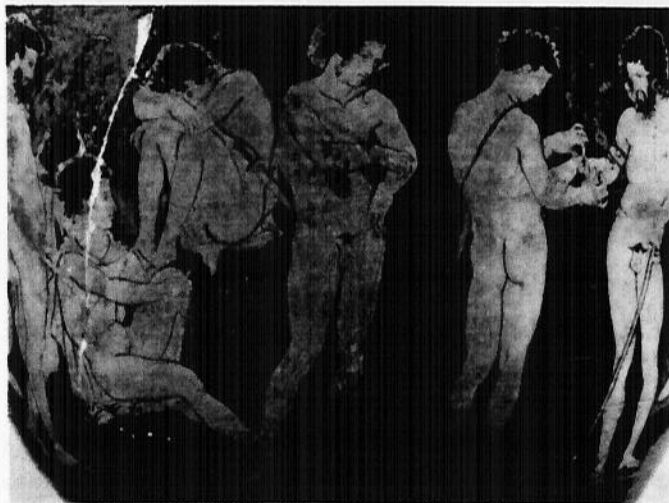
Medéia prepara uma poção que tornará o amado invulnerável ao fogo e ao ferro. Com essa couraça invisível e a forte crença de que vencerá as provas, Jasão submete os touros, atrela-os ao arado e abre sulcos na terra de Ares. Depois semeia os dentes do dragão e vê surgirem gigantes. Entre eles atira um pedaço de ferro, fazendo-os lutar entre si até a morte.

Estão vencidas as provas, mas Eetes recusa-se a entregar o toção de ouro e planeja incendiar a Argo. Sabedora do projeto paterno, Medéia, com doce acalanto feito de magia, adormece o dragão insone e apodera-se da pele sagrada. Em seguida, foge com os Argonautas. Fiel, acompanha-a seu irmão Absirto.

Para retardar os perseguidores, Medéia comete seu primeiro crime em nome do amor: mata Absirto e despedaça-lhe o corpo. Cada fragmento de carne ensangüentada horroriza os soldados de Eetes, que se demoram a recolher os pedaços do infeliz príncipe e retornam à Cólquida.

Chegando a Iolcos, Jasão entrega a pele preciosa nas mãos de Pélias que, fugindo à sua promessa, nega-lhe o trono. Mais uma vez Medéia intervém para vingar o ultraje. Artilosa, conquista a amizade e a confiança das Peliades, filhas de Pélias, e tenta convencê-las a rejuvenescer o rei. Para mostrar que tem poderes mágicos, corta um velho carneiro e lança os pedaços em um caldeirão de água fervente. Minutos depois, o animal ressurgue em meio ao vapor, alvo e pequeno como se acabasse de nascer. À noite, as Peliades repetem a fórmula com o pai. E em vão contemplam a carne que ferve, enquanto Medéia vai longe, em busca do refúgio seguro: Corinto, onde o amor de Jasão a faz esquecer os crimes, onde lhe nascem dois filhos, onde a felicidade parece um bem conquistado para sempre.

Desejoso de galgar uma posição mais elevada, Jasão um dia resolve abandonar a companheira e unir-se à mulher mais nobre de Corinto: a filha de Creonte. Sem dor nem remorso, ele se vai, deixando Medéia desesperada. É esse desespero, essa paixão indomável, esse pranto onde amor e ódio se misturam, esse furor que sem descanso estremece o corpo, essa mágoa que a levam a planejar a mais terrível das vinganças. São esses sentimentos muitas vezes contraditórios, de uma intensidade brutal e comovedora que Eurípidés mostra em sua *Medéia*.



O mito dos Argonautas ilustra o desenvolvimento da Grécia e as lutas pelo domínio do comércio no mar Negro. (Antikensammlungen Museum, Munique.)

A TRAGÉDIA DO AMOR NEGADO

Sentada diante da casa de Medéia, sua ama resume a epopéia da princesa da Cólquida e informa que seu desespero é infundável. Em breve pincelada, expõe um traço fundamental do caráter de sua senhora, sugerindo que tramará vinganças: “Ela é terrível; e, com ela, se se tem que lutar contra o seu ódio, não é fácil a vitória”.

Essa previsão sombria é confirmada pouco depois por Medéia. Arrependida dos crimes cometidos por um amor que agora lhe é negado, ela lança a sentença que, em parte, acabará cumprindo: “Possa eu vê-los, a ele e a essa mulher, reduzidos a pedaços neste palácio, porque, em primeiro lugar, violam contra mim a fé jurada...”

Dirigindo-se ao coro, discorre sobre a dupla condição que a marginaliza: ser estrangeira e ser mulher. Quando Creonte vem comunicar sua decisão de expulsá-la de Corinto, porque ela é, “por natureza, astuta e sabedora de muitos artifícios”, Medéia

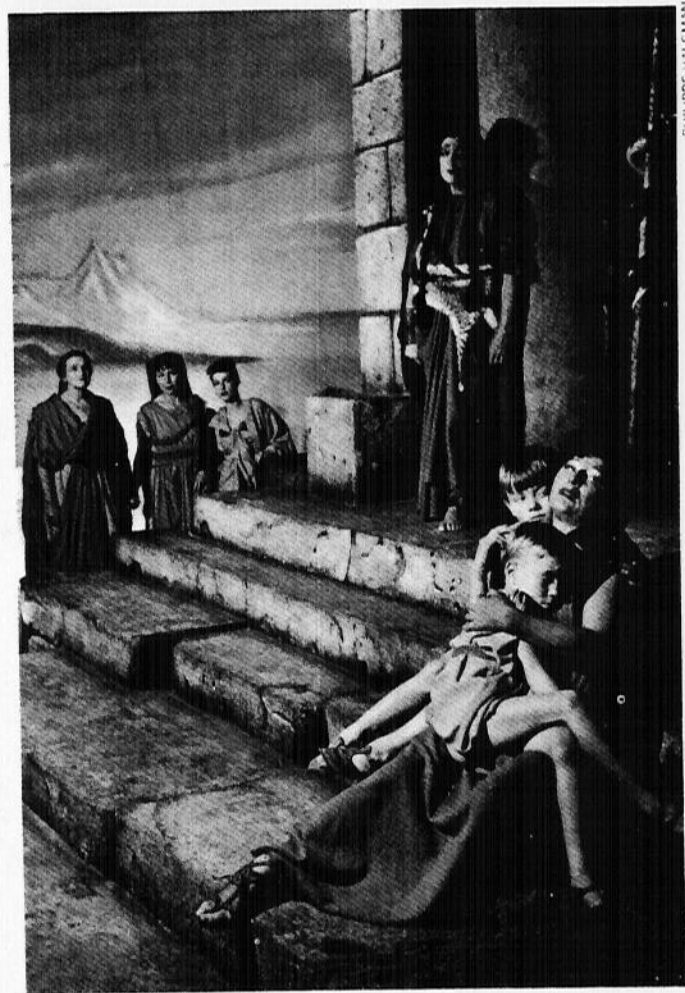
defende-se atribuindo essa astúcia a uma imagem que dela se criou maldosamente, por inveja de sua superioridade.

Surda à compaixão que lhe demonstra o coro — composto pelas mulheres de Corinto — Medéia toma uma resolução: antes de partir, deixará três cadáveres: “O pai, a filha, e meu esposo”. Esse objetivo será alcançado pela via mais direta: o veneno. A fala conclui com uma observação ferina sobre as mulheres: “A nós outras, mulheres, a natureza fez impotentes para o bem, porém, mais hábeis do que ninguém para manipular o mal”.

O coro manifesta seu espanto através de uma metáfora — “os rios sagrados remontam à nascente” — querendo significar a inversão de valores a que presenciam: a infidelidade, tida como apanágio feminino, mostra-se um defeito também dos homens, e a vingança, nesse caso, será exercida por uma mulher. Diante de tal reviravolta, declara: “A fé nos deuses já não tem raízes nos corações”.

Pela primeira vez, Jasão entra em cena, para desculpar-se ante Medéia, que o acusa diretamente e relembra todos os crimes que cometeu para ajudá-lo. A ironia é cruel em algumas frases, e explode na réplica de Jasão, que tenta convencê-la de que a beneficiaria trazendo-a para a Grécia, um país civilizado, que sabe utilizar as leis “sem recorrer à força”. Mostrando o oportunismo que o caracteriza, explica que o casamento com a princesa tinha em vista assegurar o futuro e a posição de seus filhos, situação com a qual a própria Medéia lucraria. O coro censura-o: “Abandonando tua mulher, agiste mal”. Para as mulheres de Corinto, o fato de Medéia viver com Jasão e ter filhos seus fazia-a sua esposa, embora as leis vigentes proibissem o casamento com estrangeiros.

Ao sair Jasão, o coro pondera sobre os desvarios a que o amor conduz, sobre a importância de viver na própria pátria, e de ter um amigo leal. Contrastando com suas palavras, entra Egeu, o rei ateniense de passagem por Corinto. Muito se tem discutido sobre a importância dessa cena para o desenvolvimento de toda a tragédia. Mas o diálogo, agudo e rápido, com frases que se chocam e se completam, é de um brilhantismo incomum, que justifica a inclusão da personagem. A Egeu Medéia recorre, como o amigo que lhe faltava no exílio, e o faz jurar que a acolherá em sua corte. Egeu promete, sob a condição de que ela parta sozinha, pois sendo ele hóspede de Creonte, não pode, por princípio de lealdade a seu anfitrião, levar consigo uma estrangeira ex-



Do sinistro plano de Medéia (Judith Anderson) faz parte a morte dos próprios filhos, pois “nada morderá mais rijo no coração de meu marido”.

pulsa do reino. É o primeiro passo de Medéia para a realização de sua vingança: garantir o refúgio.

Seu monólogo, após a saída de Egeu, expõe com clareza todo o plano, estreitamente tramado, sem falhas, com uma lucidez quase diabólica. Um jogo mortal, em que o adversário não terá possibilidade de escapar. Desse plano sinistro faz parte a morte dos próprios filhos, pois "nada morderá mais rijo no coração de meu marido". Eliminando a descendência de Jasão, ela o derrotará para sempre, deixando-o entregue a uma solidão insuportável. Ele não terá herdeiros. Não terá quem o ampare na velhice, quem mantenha viva sua estirpe, quem lhe prepare as honras fúnebres. Ele ficará sozinho, estrangeiro no meio de seu povo, seco e estéril pai sem filhos.

Para realizar seu plano, Medéia finge-se cordata e pede a Jasão que interceda junto a Creonte para que as crianças permaneçam em Corinto. Sugere-lhe que use, para isso, a mediação da princesa, para a qual mandará um rico presente: uma coroa e um manto (ambos envenenados).

Entregues os presentes, Medéia, sozinha em cena, profere um dos mais belos monólogos do teatro universal. Suas duas faces se mostram, alternadamente em cada parágrafo, contrárias, incompatíveis, dolorosas: é a mãe que deseja para os filhos uma vida feliz, a fêmea puramente instintiva que tenta reter junto a si a sua cria. É a amante rejeitada, a víbora encurralada, pronta para dar o bote mortal sobre o causador de seu sofrimento. Ela mesma se pergunta e se responde, num desconcerto pungente, em que se mostra intensamente humana, com sua fraqueza e sua força, seu ódio e seu amor, sua ternura e sua maldade — um jogo dilacerante de contrários.

A dúvida se resolve com a notícia de que a princesa e o rei tiveram morte horrível, em contato com os presentes de Medéia. Nada mais resta à estrangeira senão cumprir o resto de sua vingança e deixar Corinto. Tanto o mensageiro — escravo e portanto marginalizado como Medéia — quanto as mulheres de Corinto mostram profunda compaixão por sua sorte. O coro procura dissuadi-la de matar as crianças, porém, não lhe nega o direito de punir Jasão. Sendo culpada de vários crimes, tramando outro mais cruel que os anteriores, Medéia em nenhum momento é uma personagem odiosa. Seus atos de maldade parecem encontrar uma justificativa na rejeição de que foi vítima, no sofrimento que desaba sobre ela, no duplo crime de Jasão: o perjúrio (pois lhe



Sarah Bernhardt, uma das grandes figuras do teatro mundial, famosa por sua voz e temperamento romântico, também interpretou a Medéia de Eurípedes. (Cartaz de Alphonse Mucha. Paris, 1905.)

jurara amor eterno) e a ingratidão (pois lhe voltara as costas sem recompensá-la pela ajuda passada).

Quando Jasão entra à procura de Medéia, ela está no carro do Sol, herança de seu ancestral divino, no qual força humana não conseguirá atingi-la. A cena se passa em dois planos, caros a Eurípides: a *mekanè* é utilizada para mostrar Medéia em seu reino de magia. Mais uma vez ela discute com o ingrato, jogando-lhe no rosto o sabor intolerável de sua vitória, que redundou em sofrimento para si mesma, porém sanou-lhe a dor da rejeição.

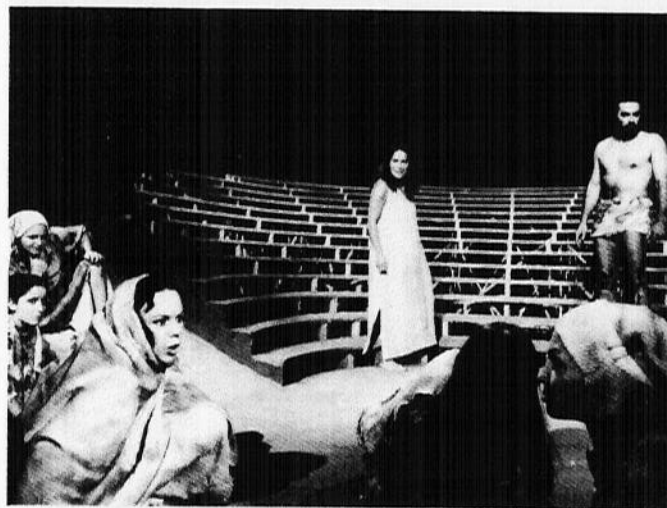
O coro declara encerrado o espetáculo, com cinco versos que são praticamente os mesmos em *Alceste*, *As Bacantes* e *Helena*. É curioso que mais outros dramas, como *Ifigênia em Táuride*, *Oreste* e *As Fenícias*, também têm um final semelhante. Parece válido concluir que Eurípides não atribuía um significado especial ao desfecho de suas peças.

Medéia deu origem a toda uma tradição literária. Muitos autores latinos abordaram o assunto, porém de suas composições sobrou apenas uma, assinada por Sêneca (2?-65 d.C.). Séculos mais tarde, o francês Pierre Corneille (1606-1684), o espanhol Zorrilla (1607-1684), o inglês Richard Glover (1712-1785) e o alemão Friedrich Gatter (1746-1797), entre outros, escreveram tragédias sobre a infeliz aventura da princesa da Cólquida.

No século XIX, o austríaco Franz Grillparzer (1791-1872) elaborou uma trilogia, *O Tosão de Ouro*, em que mostra Medéia tiranizada pelo pai (na primeira parte, *O Hóspede*), conta a viagem dos Argonautas (na parte homônima) e mostra a vingança no drama que leva o nome da heroína. Mais recentemente, Jean Anouilh (1910-) apresentou sua versão do drama grego, tomando como modelo a tragédia de Sêneca. Em 1975, Chico Buarque de Holanda e Paulo Pontes adaptaram o trecho à realidade brasileira atual, na peça musical *Gota d'Água*, que estreou no Rio de Janeiro, no Teatro Tereza Raquel.

A música e o cinema também apresentaram contribuições importantes sobre o tema. Em 1787, Luigi Cherubini (1760-1842) mostrou ao público parisiense sua ópera *Medéia*. Em 1970, o cineasta Pier Paolo Pasolini (1922-1976) teve a idéia de fazer um filme baseado no trecho da tragédia. Nele, Maria Callas viveu uma Medéia áspera e violenta, como áspera e violenta foi a própria Grécia no tempo dos Argonautas.

Grandes atrizes do teatro também utilizaram a tragédia de Eurípides para exibir todo o seu talento: Sarah Bernhardt



Cleide Yáconis foi uma Medéia vibrante: valorizou o texto de Eurípides com sua dicção perfeita e seu magnífico jogo de expressões faciais e corporais.

(1844-1923), em 1905, Margaret Anglin (1918), Ellen van Volkenberg (1920), Judith Anderson (1947), Irene Papas (1973) e a brasileira Cleide Yáconis (1970). Cada uma delas, com seu estilo pessoal e sob as ordens de diretores que refletiram os valores teatrais de seu tempo, popularizaram a *Medéia* de Eurípides nos palcos do mundo inteiro.

AS BACANTES: A VINGANÇA DE DIONISO

As Bacantes pertence, provavelmente, ao último ano da vida de Eurípides e foi escrita quando o poeta estava hospedado na corte do rei Arquelau, da Macedônia. A peça foi representada pela primeira vez, postumamente, em 405 a.C. Manifestando uma sincera reverência aos deuses e cultos, *As Bacantes* nega, de certa forma, as costumeiras considerações que apresentam Eurípides como um crítico exacerbado da religião.

A peça desenvolve sua ação em Tebas, onde o rei Cadmo,

já bastante idoso, passou o poder para as mãos de seu neto, Penteu, filho de Agave. No prólogo, Eurípides narra, através de Dioniso, os antecedentes da tragédia: Dioniso, filho de Zeus e Sêmele, também filha de Cadmo, manifesta o propósito de levar para a Grécia sua religião, começando a difundir-la em Tebas, a pátria de sua mãe. Para mostrar sua força, Dioniso faz com que as mulheres de Tebas, entre as quais Agave, mãe de Penteu, sejam atacadas pelo furor místico. O coro das bacantes exalta o terrível poder do deus e convida os tebanos a celebrarem as orgias de Dioniso, o deus da alegria.

Dioniso obtém as primeiras vitórias: Cadmo, o rei, e o adivinho Tirésias entram em cena vestidos de bacantes e decididos a subir as montanhas para a celebração de Dioniso. Os demais cidadãos de Tebas resistem, apoiados pelo jovem rei Penteu, que se mostra indignado com a desenfreada licenciosidade do novo culto. Para Penteu, Dioniso se apresenta como um charlatão que pretende corromper a cidade. Em sua decisão de enfrentar o deus, ele não ouve ninguém, nem as advertências de Cadmo sobre o perigo de lutar contra uma entidade divina. Tomado pela *hýbris*, a ambição desmedida, Penteu acorrenta e aprisiona Dioniso. Mas este se liberta, incendeia a prisão e reaparece diante de Penteu em todo o seu esplendor.

Dioniso consegue outra vitória quando as três filhas de Cadmo, dirigindo um grupo de Ménades, conseguem arrancar água dos rochedos e fazer com que o vinho, o mel e o leite brotem do solo. Mas, furiosas por estarem sendo observadas pelos pastores de Tebas, elas reagem violentamente, atacando um rebanho. Enfurecido, Penteu resolve mobilizar seu exército contra as bacantes. Dioniso o dissuade, convidando-o a ir ao encontro delas disfarçado em trajes femininos. Nas montanhas, Penteu é finalmente dilacerado pela mãe, Agave, que não o reconhece no delírio orgiástico. Levando a cabeça de Penteu espetada no tirso, Agave só volta à razão quando encontra Cadmo. Ambos reconhecem o poder e a ira de Dioniso, que lhes impõe o exílio. O ultraje ao deus foi severamente castigado.

Considerada por Goethe (1749-1832) como a mais bela das tragédias de Eurípides, *As Bacantes* mostra que a dimensão sagrada está muito além da justiça e da moral dos mortais. Dioniso foi muito longe em sua vingança contra uma cidade que tentou repelir seu culto. Mas ela ousou investir contra ele, impedindo seus cidadãos de gozarem suas dádivas e alegrias.



Personagem intensamente humana, Medéia luta entre o amor e o ódio, a fraqueza e a força, a ternura e a maldade. (Na foto, montagem da Comédie Française.)

PRÓLOGO

DIONISO

Chegado sou a esta terra tebana, eu, Dioniso, filho de Zeus, dado à luz pela cria de Cadmo, Sêmele, partejada pelo fogo do relâmpago,¹ Minha forma divina pela de um mortal trocada, eis-me aqui, junto às fontes do Dirce,² defronte às águas do Ismeno.³ Vejo o túmulo de minha mãe, fulminada pelo raio, beirando o palácio e as ruínas de sua casa, esfumaçando ainda pela chama sempre viva do fogo de Zeus: vingança de Hera,⁴ signo de ultraje que não tem fim. Louvores a Cadmo que o lugar erigiu em inviolável recinto: eu o velei sob racimadas frondes da vinhá.

- 13 Tendo deixado os campos preciosos da Lídia e da Frígia, e percorrido os altiplanos da Pérsia, dardejados pelo sol, as cidades muradas da Bácia e as paragens sinistras dos medos, a Arábia feliz, toda a Ásia que orla o mar salgado com os altos muros de suas cidades repletas de gregos misturados com bárbaros, venho a esta terra grega, mas só depois de fazer que todos aqueles povos dançassem e de haver fundado os mistérios meus, para que divindade manifesta me torne entre os mortais.
- 23 Primeira cidade na Hélade, foi Tebas que soltei ululante! As mulheres revesti da pele do corço e em suas mãos depus o tirso, dardo de hera envolto. Já que as

irmãs de minha mãe — as que menos o deviam ter feito — diziam que Dioniso não nascera de Zeus, e que Sêmele, seduzida por qualquer mortal, ao grande deus imputava a mácula em seu leito (astuciosa mentira de Cadmo!), e que, de haver propagado as falaciosas nupcias, a fulminara Zeus; por isso mesmo para fora de portas as toquei com o agulhão da insânia. Agora, da mente alheadas, vagueiam pelos montes. Impus-lhes os paramentos das minhas orgias, e toda a feminina estirpe de Tebas, todas as mulheres que na cidade havia, desenfreadas andam por fora de suas casas; lá estão, com as filhas de Cadmo, no meio de fragas, sob os verdes pinhos. Ainda que o não queira, sabedora será esta cidade de a quanto importa ignorar os mistérios báquicos, e eu, tendo que defender minha mãe, hei de mostrar-me aos homens como a divindade nela gerada por Zeus.

- 43 Penteu, a quem Cadmo confiou o cetro régio, — que de filha sua nascera —, em mim combate o combate iníquo: de suas libações me aparta, em suas preces me olvida. Mas hei de mostrar-lhe que deus eu sou, a ele e a todo o povo de Tebas! Depois, bem cumprido o que aqui cumprir devia, a outros países dirigirei meus passos, por toda a parte expondo minha divindade. E se Tebas em fúria, de armas nas mãos, intenta das montanhas arrancar as Bacantes, na batalha lançarei as Ménades.⁵ Por isso, de mortal vesti o semblante, e minha forma divina mudei em natureza humana.

- 55 Mas, vinde vós ó tíaso meu, ^{ah} mulheres que deixastes o Tmolos, ^{que} baluarte da Lídia, e desde as bárbaras nações, a meu lado estais e por companheiras tenho. Vinde! ^{as Bacantes}

Erguei os vossos tamborins oriundos da Frígia, por Réia-Madre⁷ e por mim achados. Que em redor da morada de Penteu ressoem e toda a cidade de Cadmo vos olhe! Por mim, nas quebradas do Citeron me ajuntarei às Bacantes, a dirigir seus coros.

P Á R O D O

CORO

Proêmio

- 64 *Da terra asiática, do sagrado Tmolos acorro; que, sendo por Brômio,⁸ doce pena, suave fadiga é exaltar a Baco, gritando "Evoé!" Quem passa? Quem passa? Quem? Recolhei-vos, profanos! Vós todos, fechai os lábios, guardando silêncio sagrado. Sempre, conforme o rito, a Dioniso entoarei meus hinos.*

Estrofe I

- 72 *Ó feliz, bem-aventurado aquele que, conhecendo os mistérios divinos, sua vida santifica, sua alma enfevesce, pelos montes dançando com Baco, purificado com os ritos místicos, e que, de Cibele,⁹ mãe suprema, as orgias celebra e a Dioniso serve, coroado de hera, empolgando o tirso. Ide, Bacantes! Ide, Bacantes! Trazei a Brômio, deus de deus filho, Dioniso. Trazei-o das montanhas frígias para as praças amplas da Hélade, onde é bom dançar. Trazei-o, Trazei a Brômio*

Antístrofe

- 87 *que outrora em transe do parto fatal, imaturo saiu do ventre materno, por força do raio alado de Zeus. Fulminada, a mãe deixou a vida, mas logo Zeus Crônida novo tálamo ao filho apronta, na própria coxa o obriga, com fíbulas de ouro o encerra, de resguardo*

aos olhos de Hera. À luz o deus ele, quando o quiseram as Moiras,¹⁰ — ao deus tauricornudo —, e de grinaldas de serpentes o coroou. Desde essa hora, as Ménades, nutrizes de feras, usam serpentes nos cabelos entrelaçadas.

Estrofe II

- 105 *Coroai-vos de hera, ó Tebas que criaste Sêmele! Fazei germinar, fazei germinar o verde esmilace de belos frutos. A dança báquica dançai, com ramos de abeto, com ramos de pinho. De flocos de pêlo branco esparzi vossas nébrides e em vossas mãos fervorosas tomai da nartécia arrogante, que, de súbito, a terra inteira ressaltará dançando! Para os montes, Brômio conduzirá os tíasos, para os montes onde os espera o feminil tropel, que os fusos, os teares desertou sob o aguilhão de Baco.*

Antístrofe

- 120 *Ó tálamos dos Curetos,¹¹ ó de Creta sacratíssimo berço de Zeus infante! No recôndito de vossas grutas é que os Coribantes¹² do elmo tríplice me inventaram este orbe de couro tenso e ressoante, e depois, juntando seu alvoroço ao mais doce suspiro das flautas frígias, nas mãos de Réia-Madre o depuseram, para que ao cântico das Bacantes fizessem eco. Da Mãe Divina os ganharam os loucos Sátiros,¹³ e em instrumento se tornou das trietéricas danças que alegam o coração de Baco.*

Epodo

- 135 *Quando pelos montes correm os tíasos, é doce cair por terra, cingido do sacro velo, perseguir o corço e matá-lo, devorar-lhe as carnes sangrentas, lançando-se pelos serros da Frígia, pelas montanhas da Lídia, quando*

Brômio vai na frente, Evoé! O solo escorre leite, arroia o vinho e o néctar das abelhas exala o incenso da Síria. E Baco, ao alto erguendo o facho ardente de pinho, amarrado à nartécia, corre, salta, clamores solta pelos errantes, para de novo os atrair aos coros. Enquanto gritando os incita, os cabelos revolve ao vento. E no meio dos belos cantos, brada: "Ide, Bacantes! Ó ide, Bacantes!" Com o fulgor rutilante do Tmolos, escorrendo ouro, cantai Dioniso ao som dos tímpanos de surdo bramido. Gritando "Evoé!", o deus Évio¹⁴ magnificai; magnificai o deus com frígios clamores, enquanto o loto a sacra melodia entoa que conduz a vagante fúria para os montes, para os montes... E tal como uma poldra segue a mãe pela campina aberta, a Bacante corre e salta com seus pés velozes.

EPISÓDIO I

TIRÉSIAS (à porta do palácio de Cadmo)

- 170 *Quem guarda a porta? Fazei sair do palácio o filho de Agenor, Cadmo, o que outrora veio de Sidon e amuralhou esta cidade tebana. Ide, anunciai-lhe que Tirésias o quer presente. Demais, sabe ele a que venho, sabe o que um velho com outro mais velho concertou: cingir a nébride, de hera envolver o tirso e coroar a frente.*

CADMO (saindo do palácio e vindo ao encontro de Tirésias)

- 178 *Amigo, lá dentro, de um sábio a sábia voz escutei. Pronto me tens, já investido das insignias do deus. Quanto em nosso poder, glorificado seja o nume que de minha filha nasceu, Dioniso, que aos homens se revelou. Aonde levaremos nossos pés? Onde iremos dançar? Onde agitaremos nossos brancos cabelos? Tiré-*

sias, guia tu, velho, o velho que sou, tu que és sábio. Doravante, noite e dia, não cessarei de bater o solo com este tirso. Como é bom, sendo idoso, a idade esquecer!

TIRÉSIAS

189 Sentes o que eu mesmo sinto? Sou jovem, como tu: aos coros me vou juntar.

CADMO

De carruagem não poderemos ir até às montanhas?

TIRÉSIAS

A pé maior honra prestamos ao deus.

CADMO

Velho que sou, um velho irei conduzir?

TIRÉSIAS

Até ele, o deus nos levará sem custo.

CADMO

E dos tebanos, só nós dançaremos as báquicas?

TIRÉSIAS

Em são juízo, só nós dois; os outros, não.

CADMO

Demais tardamos. Anda, dá-me a tua mão.

TIRÉSIAS

Ei-la, toma-a na tua e segura-a bem.

CADMO

Nascido mortal, os deuses prezo.

TIRÉSIAS

200 Com os deuses, não cabe o sofisma. As crenças pátrias, antigas como o próprio tempo, nenhum juízo as abala, por muito que se esforce a mente sutil. Alguém dirá que minha velhice não sente pudor, pretendendo dançar, coroadado de hera.

Mas não disse o deus se a velho ou jovem convinha a dança. As mesmas honras de todos exige, sem diferença nem limites.

CADMO

210 És cego, Tirésias, e não vês o que meus olhos vêem. De minha boca saberás o que sucede: açodado, para este lado dirige seus passos aquele a quem dei poder sobre a nossa terra, Penteu, filho de Equión. E que turvo semblante! Que virá dizer-nos?

PENTEU (*sem se aperceber no momento da presença dos dois velhos*)

215 Desta terra ausente, bem longe, ouvi falar de outros males que caíram sobre esta cidade; que nossas mulheres abandonam seus lares, correm pelos montes boscosos a venerar com danças um tal Dioniso, um novo deus. No meio dos tíasos se erguem, ao que dizem, crateras repletas de vinho. Por toda a parte, em ermos lugares se entregam ao prazer dos machos. Tais são os ritos das Mênades; porém, antes de Baco, a Afrodite¹⁵ celebram!

De quantas me apoderei, lá jazem, de mãos atadas, nos cárceres públicos, à guarda de meus servos. Às outras, caça lhes darei pelos montes. Em minhas redes

de ferro as terei cativas. Ino¹⁶ e Agave, que me gerou de Equión, e Autônoe, a mãe de Actéon¹⁷. Prestes hei de pôr fim à bacanal odiosa.

- 233 Dizem que um forasteiro aqui chegou, mago da terra lídia, de fulvos cabelos em madeixas perfumadas, de pele rosada e olhos ressudando as graças de Afrodite, e que, dia e noite, os mistérios báquicos consuma junto com as mulheres jovens. Se alguma vez o alcanço, aqui sob o meu teto, não mais o solo baterá com o tirso, nem os cabelos agitará ao vento, pois a cabeça lhe cortarei do tronco. Dá-se ele pelo deus Dioniso, o tal outrora costurado numa coxa de Zeus! Mas a verdade é que foi consumido pelo fogo do raio, no ventre de sua mãe, que ousou alegar os divinos esponsais. Então? Não será digno de força o estrangeiro, quem quer que ele seja, o insolente que me insulta?
- 248 Ah! Mas que novo prodígio é este? Pois não vejo Tirésias, o adivinho de presságios, vestido de sarapintada pele de corço, com o pai de minha mãe — ó ridículo espantoso! —, empunhando o tirso, como um bacante? Pai, eu me envergonho de tua velhice insensata. Não tirarás essa grinalda, não largarás da mão esse tirso, ó pai de minha mãe? Tirésias, decerto foste tu quem o persuadiste, tu, que este novo deus queres entre os homens, para mais lucro auferires dos presságios alados e das entranhas das vítimas!¹⁸ Não te protegessem esses cabelos brancos e já agrilhoados estarias no meio das Bacantes, ó iniciador de novos ritos! Pois não creio em orgias sãs, quando a mulheres se serve o licor da vinha.

CORO

- 263 Que de palavras ímpias, estrangeiro! Não temes nem aos deuses nem a Cadmo que fez brotar a celebrada messe? Tu, um filho de Equión, queres desonrar tua estirpe?

TIRÉSIAS

- 266 Quando um sábio discorre acerca de nobre assunto, não lhe custa o bem falar. Mas tu, se tua língua é ágil e parece revelar bom senso, nenhuma razão há no que dizes. E quando razão não tem, triste cidadão é aquele que só audácia possui e o vigor da palavra.
- 272 Esse novo deus, alvo de teu discurso escarninho, nem sei dizer-te quanta para a Hélade será a sua grandeza. Jovem, duas coisas há, primaciais, entre os humanos: uma, a deusa Deméter,¹⁹ que é a terra — por qualquer dos nomes podes chamá-la —, a que do elemento seco nutre os homens; e outra, o seu oposto, o filho de Sêmele, que achou o doce suco da vinha, o que ele nos trouxe para pôr fim às penas dos míseros mortais, pois quando se repletam do sumo da vide, dormindo se esquecem de seus males cotidianos — que outro remédio não há para nossas dores. Sendo ele próprio um deus, para os outros deuses é vertido como oferenda, de modo que a ele devem os homens todos os bens que lhes cabem.
- 286 Achas risível que Zeus o tenha costurado em sua coxa? Pois bem, verás como a explicação é fácil. Quando Zeus arrebatou o filho ao fogo do relâmpago e ao Olimpo transportou o deus menino, Hera o queria precipitar do céu; e Zeus, como só em poder dele estava,

novo ardil imaginou: tendo rasgado uma parte do éter que circunda a terra, essa parte, Dioniso fingido***20 a Hera a deu, como penhor do ciúme. Mais tarde, veio a dizer-se que Dioniso na coxa de Zeus fora criado, — haviam mudado a palavra: porque o deus era penhor do ciúme de Hera, disseram depois que em sua coxa Zeus o criou.

- 298 E profeta é este nume; pois o báquico frenesi tem muito de divinatório. Se copioso em nós penetra, logo o deus faz que os ébrios vaticinem. E de algum modo participa de Ares:²¹ erga-se contra ele um exército em armas, antes que se entrechoquem as lanças, o terror o dispersa. Loucura tal, da mesma maneira de Dioniso vem. E tu o verás sobre os penhascos de Delfos, archotes em punho, brandindo e agitando o ramo báquico. Enfim, um grande deus para toda a Grécia! Crê em minhas palavras, Penteu. Não penses que tua força tudo possa entre os homens, nem, só porque assim o julgas, que sábio sejas, com tua mente insana. Acolhe o deus; de tuas libações não o apartes; celebra as orgias; cinge tua frente de hera.
- 314 A Dioniso não compete constranger as mulheres à castidade, em servindo elas a deusa Cípride ²². A moderação é ingênuo dom, que a uma ou outra incitará para todo o sempre. E repara: mesmo em arroubos báquicos, jamais se corromperá a mulher prudente.
- 319 Vê bem: se a ti te compraz que o povo se avulte às portas de teu palácio, aclamando e glorificando o nome de Penteu, assim esse deus se regozija com as honras que lhe prestam. Eis porque, eu e Cadmo, a

quem vituperas, iremos dançar, fronte cingida de hera. Não obsta o teu escárnio, dançaremos ambos, parelha encanecida. Nunca palavras tuas me persuadirão a lutar contra os deuses. Loucura dolorosamente louca é a tua; nenhum remédio te aliviará o mal e algum veneno foi a causa dele.

CORO

- 328 Tuas palavras, velho, não ultrajam a Febo²³ e honram a Brômio, o grande nume. És sábio!

CADMO

- 330 Meu filho, bem te advertiu Tirésias. Permanece conosco, não infrinjas as leis. Nesta hora divagas e tua razão sem razão razoa. Ainda que, como dizes, não existisse esse deus, dize para ti mesmo que ele existe. Mentira piedosa, para que, aos olhos de todos os mortais, seja Sêmele a mãe de um deus e tal honra caiba à nossa raça inteira.

Lembra-te do cruel destino de Actéon, que os cães carneiros, por ele mesmo criados, despedaçaram, quando um dia caçava, vanglorioso de se avantajarem a Ártemis!²⁴ Para que o mesmo te não suceda, eu de hera coroarei tua frente; vem conosco honras prestar ao deus.

PENTEU

- 343 De sobre mim não retirarás essa mão? Vai-te! Vai para outro lugar fazer de bacante! Não me infectes de tua loucura. (*Apontando Tirésias*) Mas este, que mestre de insânia foi teu, hei de puni-lo! (*Para um servo*) Depressa, corre à sede donde profere os oráculos, pega de um pau ou de um tridente e revira

tudo, que nada fique de pé, e ao furor dos ventos arremessa todas as suas sagradas faixas. Assim procedendo, mais o afligirei. E vós outros, ide, correi à cidade e achai a pista desse forasteiro efeminado que introduziu nova moléstia entre nossas mulheres e corrompeu nossos leitos. E quando o pegardes, trazei-o acorrentado a mim, para que sob pedras expie sua culpa e amargas lhe sejam as orgias de Tebas!

TIRÉSIAS

- 358 Infeliz! Nem sabes o que dizes. Antes deliravas, agora enlouqueceste. Vamos nós dois, Cadmo, oremos por ele, se bem que tão fero, oremos por nossa cidade, para que o deus não desfira algum golpe sem par. Segue-me. Toma o meu bastão envolto de hera, sustenta meus passos, que eu sustentarei os teus. Vergonha seria que dois velhos caíssem! Suceda o que suceder, importa servir a Baco, filho de Zeus. Que Penteu algum luto não traga a teu lar. Não falo como profeta, mas pela força dos fatos. De estultícia são as palavras dos estultos.

ESTÁSIMO

CORO

Estrofe I

- 370 *Santidade, veneranda deusa, Santidade, que pairas sobre a terra com tuas asas de ouro, escutaste as palavras de Penteu? Não ouves o ímpio ultraje a Brômio, filho de Sêmele, primeiro dos deuses beatos à mesa dos leitos festins, àquele cujo dom é folgar nas jubilosas danças, ao som das flautas, adormentar nossas dores, quando o humor dos vinhedos esplandece no convívio*

dos numes e, nos banquetes engrinaldados de hera, a cratera nos infunde o torpor?

Antístrofe

- 386 *A palavra sem freio e insensatez sem lei, desgraça põe fim. Razão e quietude, somente, da intempérie nos preservam as casas. Que, embora longe, no éter, habitem, os Urânidas²⁵ vêm as ações dos homens! Sabedoria não é a do sábio que para além da órbita do que é mortal razoa. A vida é breve: quem o alongado visa, nem o próximo alcança. Para mim, tal o viver de desatinada e desaconselhada gente.*

Estrofe II

- 402 *Ah, quem pudera abalar para Chipre, para a ilha de Afrodite, mansão dos amores! Amores que dos mortais a mente fascina e o coração encantam; ou para Faro, que as chuvas do céu não fecundam, mas as torrentes do rio bárbaro que por cem bocas correm; ou para a Piéria belíssima, estância das Musas e do Olimpo sacro pendor. Para lá me encaminha, Brômio, ó Brômio, das Bacantes o guia, Évio demônio! Lá moram as Cárites²⁶, lá o desejo! Lá é lícito tuas orgias a gosto celebrar.*

Antístrofe

- 417 *O deus de Zeus filho compraz-se nos festins, ama a Paz, dadora de opulência, divina nutriz da juventude; ao mísero o dom oferece, tanto como ao faustoso, do vinho a alegria sem mágoa; e aborrece quem vontade não tem de, por dia claro ou noite amiga, até o fim viver a vida abençoada. Eu a aceito, esta crença que a ignara gente segue, esta crença em que a turba crê.*

EPISÓDIO II

UM SERVO

434 Penteu, aqui estamos. Apresada temos a presa que a perseguir nos mandaste; perdido não foi nosso labor. Tão mansa esta fera que vês, que nem procurou escarpá-nos, fugindo. De bom grado nos estendeu as mãos e não lhe empalideceu a face. Corado e ridente, ele mesmo nos incitou a que agrilhoados o trouxéssemos. Brando encargo nos deu! Enleado eu, que lhe dizia: “Estrangeiro, não por minha vontade, mas ao comando de Penteu te apreso”. Quanto às Bacantes que encarceraste e em pública masmorra puseste a ferros, escuta: soltas andam nos bosques, dançando, clamando por seu Brômio divino; por si mesmas, as cadeias desenlearam seus pés, saltaram os ferrolhos das portas, sem que mão de mortal lhes tocasse. Ah, decerto, para a encher de maravilhas sem conta, este homem chegou a Tebas!

PENTEU

451 Soltai-o. Em minhas mãos apresado, tão lesto não será, que possa livrar-se.
(*Olhando Dioniso*) Feio de corpo não és, forasteiro; há de agradecer às mulheres. Por isso não vieste a Tebas? Na luta não foi que teus cabelos cresceram e pelo rosto, voluptuosos, te ondejam. Branca é tua pele: naturalmente, ao abrigo do sol, na sombra, a preservas. Cativas por tua beleza as graças de Afrodite. . . Mas, saibamos, qual a tua origem?

DIONISO

461 Fácil dizê-lo, e sem jactância. Conheces o Tmolo, a montanha florente?

PENTEU

A que a cidade de Sardes em círculo abraça?
Sim, conheço.

DIONISO

De lá venho. Lídia é a minha pátria.

PENTEU

465 E donde, os mistérios que para a Hélade trazes?

DIONISO

De Dioniso, filho de Zeus, a iniciação recebi.

PENTEU

Há por lá, então, um Zeus que novos deuses procria?

DIONISO

Não. Aqui é que núpcias selou com Sêmele.

PENTEU

E como te constrangeu? Estavas sonhando ou desperto?

DIONISO

470 Face a face o olhando, confiou-me seus ritos.

PENTEU

Mas que são esses mistérios? Dize-me.

DIONISO

Conhecê-los, não é lícito aos profanos.

PENTEU

Alguma vantagem hão de conferir aos que os consomam. . .

DIONISO

Notáveis, deveras; mas não posso dizer-te quais.

PENTEU

475 Belo conto me contas, para que mais perguntas te faça!

DIONISO

Os ímpios têm horror aos mistérios da divindade.

PENTEU

Asseguras ter visto o deus. Qual era o seu aspecto?

DIONISO

O aspecto que lhe aprouve; não lho impus.

PENTEU

De novo me iludes, cousa nenhuma dizendo.

DIONISO

480 Ao ignaro parece tolo quem sabiamente fala.

PENTEU

E aqui vieste primeiro, a trazer-nos um demônio tal?

DIONISO

Seus mistérios, já todos os bárbaros celebram.

PENTEU

Se muito mais estultos são que os helenos...

DIONISO

Nem tanto. Só os costumes diferem.

PENTEU

485 E quando festejais as orgias? De noite ou de dia?

DIONISO

De preferência, à noite. Mais veneranda é a sombra.

PENTEU

E para as mulheres cilada certa...

DIONISO

A atos torpes, também o dia se presta.

PENTEU

Serás punido, por teus maldosos sofismas!

DIONISO

490 E tu, por tua impiedosa estultícia.

PENTEU

Atrevido bacante, capcioso sofista!

DIONISO

Qual o meu suplício? Que penas me vais impor?

PENTEU

Primeiro te cortarei essas madeixas delicadas...

DIONISO

São sagradas; em honra do deus as cuido.

PENTEU

495 Depois, fora com esse tirso das mãos!

DIONISO

Vem e tira-mo. Este tirso a Dioniso pertence.

PENTEU

E guardar-te-emos a ferros, dentro de nossas prisões.

DIONISO

Queira-o eu e o deus me libertará.

PENTEU

Só se o chamares, do meio de tuas Bacantes. . .

DIONISO

500 Já agora aqui junto está, vendo as dores que passo.

PENTEU

Onde? Onde? Que o não vêem meus olhos!

DIONISO

Aqui onde estou. Ímpio que és, como poderias vê-lo?

PENTEU

Levai-o, que a mim e a Tebas ultraja!

DIONISO

Não me prendam. Mando eu, sábio, aos que o não são.

PENTEU

505 E eu, que te acorrentem. Sou o mais forte!

DIONISO

Não sabes o que dizes, nem o que fazes, nem o que és.

PENTEU

Meu nome é Penteu. Sou filho de Equíon e de Agave.

DIONISO

À desdita te predestina o nome.²⁷

PENTEU (*para um servo*)

509 Corre! Encerra-o aí ao lado, bem no fundo dos estábulos, para que seus olhos só vejam as trevas profundas. (*Voltando-se para Dioniso*) Aí podes dançar! E quanto às que te acompanham, cúmplices tuas, vou a vendê-las ou, depois de pôr fim ao fragor dos instrumentos sonoros, as voltarei ao tear; serão minhas escravas.

DIONISO

515 Sim, vou. Mas jamais hei de sofrer o que sofrer não devo. E fica certo: Dioniso, o deus que tu negas, vingança tirará do ultraje. Pois, se em mim injúria cometes, é a ele que em grilhões arrastas.

ESTÁSIMO

CORO

Estrofe

519 *Dirce, filha de Aquelôo, veneranda virgem, que em tuas fontes outrora acolheste o recém-nato de Zeus! Quando o filho arrebatava ao fulgor imortal, para em sua coxa o guardar, o deus, gritando, assim clamou: "Vem, Ditirambo,²⁸ entra em meu seio viril! Que por este nome eu te aclamo, ó Báquio,²⁹ e mando que doravante em Tebas assim te chamem!" E agora tu me repeles, ó Dirce beata? Agora que, grinaldisfloridos, a ti vieram meus tíasos? Por que me rejeitas? Por que*

me foges? Ah, pelo grato dom de Dioniso, pelos viçosos racimos te juro que de Brômio cuidarás ainda!

Antístrofe

- 537 *Quanta, ó quanta fúria a terrígena estirpe do dragão ostenta, Penteu, de Equíon ctônio³⁰ gerado! Monstro de viso feroz, já não criatura mortal, gigante sanguinário, pelejando contra os deuses, breve me terá cativa, a mim, eleita de Brômio, que já em seu palácio, em cárcere tenebroso, retém o príncipe do meu tiaso. Vês tu, Dioniso? Não vês tuas seguidoras a braços com o destino? Desce do alto Olimpo, ó Senhor da Áurea Coma, vem agitando o tirso e humilha o tirano algoz.*

Epodo

- 556 *Para onde conduzem os coros, ó Dioniso portador do tirso? Para Nisa, berço das feras? Para os píncaros da Corícia? Acaso para os frondosos tálamos do Olimpo, onde Orfeu³¹ outrora, tangendo a cítara, conciliava as árvores e as bestas-feras? Piéria ditosa, a que Évio honras confere! A ti o nume virá, a dirigir teus coros, tuas báquicas orgias; à frente do tropel das Ménades passará o vertiginoso Áxio e o Lídia depois, para os mortais dispensador de ventura, pai da fortuna, cujas águas belíssimas, di-lo a fama, embebem a terra dos velozes corcéis.*

EPISÓDIO III

DIONISO *(de dentro do palácio)*

- 576 *Iô! Escutai, escutai minha voz! Iô, Bacantes! Iô, Bacantes!*

CORO

Quem está lá? Quem? Donde o apelo de Évio me alcança?

DIONISO

Iô! Iô! De novo vos chamo! Eu, de Sêmele, de Zeus o filho!

CORO

Iô! Iô! Senhor, Senhor, vem a nós, a nosso tiaso! Brômio, ó Brômio!

DIONISO

*Divino Espírito do Terremoto, abala este solo!
(Ouve-se trovejar.)*

DO CORO

- 586 — *Ah... Prestes cairá em ruínas a morada de Penteu!*
— *Dioniso está presente. Adorai-o!*
— *Adoramos!*
— *Vistes a pétrea trave mover-se sobre as colunas?
(De novo soa o trovão.)*

DIONISO

*Inflama a facho rutilante do raio! Consome, consome o palácio de Penteu:
(Da tumba de Sêmele erguem-se chamas mais altas.)*

CORO

- 597 *Olhai! Não vedes aquele fogo em redor do sagrado túmulo de Sêmele, qual o que um dia ali deixou o fulminante luzeiro de Zeus? Prostai no solo, ó Ménades,*

vossos corpos frementes, que o soberano filho de Zeus jogou por terra o palácio de Penteu.

DIONISO (*saindo de trás da cena*)

604 Bárbaras mulheres! Tanto o terror vos prostra, que no solo jazeis? Ouvíeis, parece, que Baco derruía a casa de Penteu. Mas erguei-vos, firmai vossos membros, deles bani o frêmito!

CORO

Ó luz suprema das orgias báquicas, como exulto de ver-te, eu que no ermo andava!

DIONISO

Ao desânimo vos rendestes pois, quando Penteu me jogou no cárcere sombrio?

CORO

Como não esmorecer? Que guardião me restava, se desgraça caísse sobre ti? Mas como te livraste, se estas em poder do ímpio?

DIONISO

Facilmente, sem esforço, por mim próprio me livreí.

CORO

A ferros não te pusera ele ambos os braços?

DIONISO

616 Por aí mesmo o iludi. Supondo encadear-me, nem me pôde agarrar, nem me tocou de leve, e não que lhe faltasse esperança! No estábulo achou um touro. Tentandõ ligar-lhe os jarretes, os cascos, de furor bufava, suor vertia, nos lábios fincava os dentes. E eu, junto

dele, olhava... Foi então que Baco chegou, sacudindo os muros do palácio e alumando o fogo no tumulto materno. Ao ver tais coisas, Penteu, julgando a casa em chamas, corria de um lugar para outro e dava ordem aos servos para que portassem água corrente. Todos se afanavam na vã tarefa. Mas logo de mãos largou o trabalho, pensando que eu fugira; e pulou, brandindo negro ferro que dentro de casa buscara. Nisto, Brômio, — ao menos, assim parece —, no pátio ergue um fantasma; e ele arremeçando-se sobre a forma brilhante a trespassa, julgando que me degolava. Mas não se contentando com tal, Báquio mais ignominiosamente o trata: dismantela, e no solo derruba a casa. Amargo preço pagou pelos grilhões que me encadearam! Esgotado enfim, larga a espada — o homem que contra um deus ousou pelejar —, enquanto eu, em silêncio e sem de Penteu cuidar, do palácio vinha a encontrar-vos.

(Voltando-se para o portal)

638 Ah, mas creio que ainda, lá dentro, ouço ressoar seus passos, e que a sair se apresta. Que pretenderá de nós? Grande que seja sua ira, suportá-lo-ei tranqüilo. Ao sábio, sábia equanimidade cumpre adestrar.

PENTEU (*saindo do palácio*)

642 Que atrocidade sofri! O forasteiro em fuga, ele, que há pouco eu tão bem enredara em ferros!

(Deparando com Dioniso)

Olá! Pois não os vejo aqui? Que é isso? Fugido, ainda defronte a meu palácio te mostras?

DIONISIO

647 Sossega! Detém teus passos e depõe a ira!

35.677/BmD

PENTEU

Como pudeste escapar de teus laços, e cá fora che-
gaste?

DIONISO

Não te disse, não ouviste que alguém, alguém havia
de livrar-me?

PENTEU

Quem? Sempre me vens com tuas palavras ocas!

DIONISO

Aquele que a uva amadurece para os mortais.

PENTEU

DIONISO

Com vitupérios, a Dioniso glorificas.

PENTEU

Ordeno que todas as portas se fechem em redor!

DIONISO

Para quê? Se os deuses os próprios muros trespas-
sam...

PENTEU

Sábio que és! Mas não quando devias sê-lo.

DIONISO

656 Justamente aí é que mais sábio sou. Mas escuta pri-
meiro esse homem, núncio que para ti da montanha
acorre. Aqui te esperamos; não fugiremos.

MENSAGEIRO

660 Penteu, senhor desta terra tebana, venho do Citeron,
onde o alvor da neve brilha perene.

PENTEU

Tão importante nova me trazes?

MENSAGEIRO

664 Lá vi as Bacantes, venerandas mulheres, que desta
terra se foram, pés descalços, como por agulhão toca-
das. Venho anunciar-te a ti, ó rei, e à cidade inteira,
o tremendo gesto seu e as grandes maravilhas que fa-
zem. Dize-me, porém, se livremente poderei falar ou
a língua hei de conter, pois temo, senhor, teus levantes
de cólera e os excessos prontos de teu humor real.

PENTEU

672 Fala! E não te arreceies de mim. Sobre quem justa-
mente se porta, não deve recair a cólera. Quanto mais
tremendas coisas das Bacantes disseres, tanto mais
dura pena desabará sobre quem lhes insuflou as artes.

MENSAGEIRO

677 Acabava eu de tanger a manada ao alto de um monte,
à hora em que o sol despede seus raios e a terra en-
calma. De súbito, com três tíasos, três coros de mulhe-
res, deparo. Autónoe governava um; o segundo, tua
mãe, Agave; Ino regia o terceiro. Todas dormiam,
gesto ao abandono, reclinadas umas aos hirsutos ra-
mos dos pinhos, outras sobre folhas de roble repousa-
vam as frentes, castamente reclinadas todas, ébrias
não, como dizias, nem no encaço de Cípride anda-
vam, pelos recônditos da floresta.

689 Mas quando de meus bois cornudos surpreendeu o mugido, eis que tua mãe, ululante, no meio das Bacantes se apruma, do corpo a lhes remover o sono. E elas, expulsando das pálpebras o sopor profundo, levantam-se todas — maravilha de ver a ordenação calma e serena! — todas de pé, novas e velhas, e virgens sem jugo. Primeiro, pelos ombros soltam as ondas de seus cabelos; depois, há as que deslaçadas havendo as nébrides, o veio pintado reajustam ao corpo, cingindo-o de serpentes que lhes lambem o rosto; e há as que, abandonados os filhos, crias de corço ou de lobo levantam nos braços e os peitos lhes oferecem, tímidos de leite níveo de sua maternidade recente. Todas se ataviam de folhas de hera ou de roble ou flores de esmílace. Esta, com o tirso fere um penedo que, no instante, fresco caudal de água límpida ejeta; aquela, com a nartécia revolve a terra: do mesmo lugar o deus irrompe com uma fonte de vinho! E quantas, sequiosas da cândida beberagem, se o solo escarvam com a ponta dos dedos, dele brota leite em cachões. E do alto dos tirsos ornados de hera, gota a gota escorria o doce mel. Ah, se presente estivesses e visses, tuas preces erguerias ao deus que afrontas!

714 Boieiros e pastores, todos nós reunidos, trocávamos conselhos, uns para os outros dizendo as estranhas ações, e admiráveis, que víamos. Um de nós, então, experiente da cidade e pronto de língua, a todos falou. “Ó vós que habitais estas venerandas plagas dos montes, dizei-me se caça quereis dar a Agave, mãe de Penteu. Graças nos renderá o senhor, se da orgia báquica a levarmos.” Que bem falara, nos pareceu. Pusemo-nos de emboscada, no meio de frondes verdorosas. Era a hora ritual. Já se moviam os tirsos para a corrida bá-

quica, e todas, de concertada voz, o clamor soltavam a Íaco,³² a Brômio, filho de Zeus. E a montanha inteira, com suas feras, dançou com Baco. Quedo nada ficou.

728 Agave perto de mim passou correndo, e eu, querendo agarrá-la, de um salto deixo o esconso em que me emboscara. Mas, grita ela para as outras: “Olhai, minhas cadelas velozes, que estes homens caça nos dão! Segui-me! Segui-me, e de tirso nas mãos!”

734 Logramos nós ao menos, fugindo, evitar que destroçados fôssemos pelas Bacantes. Mas elas, de mãos sem ferros, assaltam os bois que no prado pasciam. Uma nós vimos ao alto dos braços abertos erguer uma vaca, prende e mugidora; outras, desmembrando bezerras, só de repuxá-las. . . Haveríeis visto, por toda a parte arrojados, costelas e cascos forcados, pendentes dos ramos de pinho, sangrando. Touros enfurecidos, de cornos em riste, prestes por terra tombavam e — mais céleres que tuas pálpebras reais encobrem as pupilas — mil mãos de mulheres lhes dilaceravam as carnes. Depois, semelhantes às aves que para o alto soerguem o vôo, ao plaino se precipitam que, ao longo do Asopo³³ para os tebanos amadurece o trigo fecundado. Nas faldas do Citeron assaltam Hisis e Eritra, de ânimo hostil. Tudo devastam; crianças rapinam. Nada ao solo negro cai, que aos ombros levem sem liames que os atem, nem bronze, nem ferro! Nem fogo que os cabelos lhes acenda, os arde! Com o desespero do saque, sobre as Bacantes corre em armas o povo dos lugares. Então, ó rei, então é que vimos o prodígio sem par: nem sangravam suas carnes, aos golpes dos dardos; elas, porém, só de arremçarem os tirsos, co-

briam os inimigos de feridas sangrentas. Se, mulheres, punham os homens em fuga, é que algum deus estava a seu lado! Voltaram depois aos lugares donde partiram. Lavavam as mãos sanguinolentas; lambiam-lhes as serpes no rosto, do sangue as últimas gotas que escorriam.

- 769 Senhor, este deus, não importa qual seja, recebe em tua cidade, grande que é por todo o aspecto; e demais, ao que sei, dizem que aos mortais fez dom da vinha, adormecedora de nossas penas. E sem vinho amor não existe; prazer algum aos homens resta.

CORO

- 775 Palavras sem peias temo falar ao rei; di-las-ei, contudo: superior a Dioniso, não há outro deus.

PENTEU

- 778 Como um fogo se espalha, já bem perto de nós chegou o afrontoso ultraje das Bacantes, aos gregos consumada ofensa! Vamos, porém, e sem tardar: (*para um servo*) corre às portas de Electra³⁴ e ordena a todos os meus porta-égides, a cavaleiros dos meus ágeis corcéis, aos que sabem brandir os escudos ligeiros e fazem ressoar as cordas dos arcos, que à lide contra as Bacantes se aprestem, pois toda a medida excede sofrer de mulheres o quanto agora sofreremos.

DIONISO

- 787 Penteu, não te persuadiram quantas palavras de mim escutaste! Mas, ainda que desfeitoado por ti, direi: armas não levantes contra um deus. Sossega. Brômio não consentirá que escorraces as Bacantes das montanhas onde "Evoé!" ecoa.

PENTEU

- 792 Basta de conselhos! Fugiste da prisão. Cautela! Ou queres que outra vez te prenda?

DIONISO

Em vez de contra seu agulhão repontar, mortal, contra um deus; eu lhe sacrificaria. . .

PENTEU

Sacrificarei! Muito sangue de mulher, como é justo, pelas vertentes do Citeron.

DIONISO

Fugireis, vós todos! Vergonha! As Bacantes, com o tirso, destroçarão os escudos de bronze.

PENTEU

Empeçamo-nos neste estrangeiro impossível! Nem infringindo seus golpes, nem meus golpes sofrendo, em se calar consente.

DIONISO

- 802 Amigo! Se queres, tudo se remediará ainda. . .

PENTEU

Como? Servo me tornando de minhas servas?

DIONISO

Sem armas, essas mulheres posso trazer a ti.

PENTEU

Ai de mim! Astuciosa cilada maquinas. . .

DIONISO

Que cilada? Se com minhas artes quero salvar-te?

PENTEU

Concertado conluio, para que vossas bacanais não tenham fim!

DIONISO

810 Ah! . . .

Não quererias tu vê-las juntas, na montanha acampadas?

PENTEU

Que dúvida? Por tal pagaria ouro sem conta!

DIONISO

E que te fez cair em tão ardoroso desejo?

PENTEU

Verdade que amargurado ficaria de ébrias as ver . . .

DIONISO

815 Porém, com prazer verias a causa da amargura?

PENTEU

Sim. Silencioso e escondido entre os abetos.

DIONISO

Mesmo escondido, elas te acharão.

PENTEU

Às claras, pois; com razão falaste.

DIONISO

O caminho te mostraremos. Estás pronto a seguir-me?

PENTEU

Conduze-me depressa. De tardar me enfadas.

DIONISO

Pois bem; cinge teu corpo com um peplo de linho.

PENTEU

O quê? De varão que sou, em mulher me vou tornar?

DIONISO

Para que te não matem, se descobrem que és homem.

PENTEU

Dizes bem! Que és arguto, já o mostraste há pouco.

DIONISO

825 Se tenho argúcia, Dioniso ma deu.

PENTEU

Como, então, realizar teu bom conselho?

DIONISO

Eu te vestirei, lá dentro do palácio.

PENTEU

Em traje-de mulher? Que vergonha a minha . . .

DIONISO

De espiar as Ménades, já desejo não tens?

PENTEU

830 Com que vestes dizes que me vais ataviar?

DIONISO

Primeiro, em tua cabeça, uma longa cabeleira . . .

PENTEU

E qual, da mascarada, a segunda peça que vestirei?

DIONISO

Alongado peplo até os pés. Mitra na frente. . .

PENTEU

Que outro atavio ajuntarás a esses?

DIONISO

835 Pele de corço, pintada; na mão, o tirso.

PENTEU

Ah, vestimenta de mulher não quero vestir!

DIONISO

Mas o sangue correrá, se luta travas com as Bacantes. . .

PENTEU

Está certo. Um reconhecimento em primeiro lugar importa.

DIONISO

Melhor assim, do que males procurar com males.

PENTEU

840 E como atravessar a cidade, sem pelos tebanos ser visto?

DIONISO

Em te guiarei. Iremos por solitários caminhos.

PENTEU

À irrisão das Bacantes, tudo prefiro. Entremos no palácio, a deliberar o que convém.

DIONISO

Assim seja. Por minha parte, estou pronto.

PENTEU

Entra, pois. Ou obedeço a teus conselhos ou com armas na mão partirei.

(Penteu entra no palácio.)

DIONISO *(para as Mênades, na orquestra)*

848 Mulheres! O homem caiu nas redes! Irá às Bacantes e com a morte expiará a culpa. Dioniso, é a tua vez! Longe não estás; punamo-lo. Primeiro, que uma branda mania se lhe aposse do espírito; que, se o senso guarda, veste de mulher não quererá vestir; e vesti-la-á, se o perde. Será o ludíbrio de Tebas, seguindo-me pela cidade em figura de mulher, ele terrível que era por suas ameaças de outrora. Mas a vestimenta lhe vestirei, que para o Hades³⁵ há de levar, por sua própria mãe imolado. Aprenderá assim que o filho de Zeus, Dioniso, sendo para os homens o mais benigno dos deuses, também é o mais terrível.

ESTÁSIMO

CORO

Estrofe

862 Nus, enfim, correrão meus pés, noite báquica em fora, para trás, ao ar rociado, rejeitando a cerviz — tal uma

corça folgando no prado, entre os verdes regalos, a salvo da caça terrível e da rede aleivosa? Aos silvos, o caçador seus cães atíça; mas, rio abaixo, rápida como o torvelinho, a gazela salta, buscando a pradaria apartada dos homens, a solidão na sombra espessa dos bosques.

- 877 *Que é a sabedoria? Ou que dom dos deuses para os mortais mais belo existe que a cabeça do inimigo manter sob as mãos triunfantes? Quanto seja belo, grato me será para sempre!*

Antístrofe

- 882 *Tardo, mas infalível, se move o poder divino a punir o mortal iníquo, cuja mente perversa magnificar não quer o preito aos numes devido. No encalço do ímpio, ardilosos, os deuses o deslizar do tempo ocultam. Nem pensamento nem obras o estabelecido ultrapassarão jamais. Pois crer não custa que força possui esse qual-quer que o divino seja, assim como o que por longo tempo se teve por lei ditado e por natureza assente.*
- 897 *Que é a sabedoria? Ou que dom dos deuses para os mortais mais belo existe que a cabeça do inimigo manter sob as mãos triunfantes? Quanto seja belo, grato me será para sempre!*

Epodo

- 902 *Afortunado aquele que, salvo das ondas do mar, o porto alcança! Afortunado aquele que seus afãs supera! Em beatitude e potência, multimodamente, muitos a muitos de vencida levam. Sem conta as gentes; sem conta as esperanças suas. Êxito para uns, para outros desgraça! Mas beato, só quem ganha o prazer da cotidiana sorte.*

EPISÓDIO IV

DIONISO (*saindo do palácio, falando para Penteu, invisível ainda*)

- 912 Tu, tão pronto em ver o que ver é defeso, tu que persegues o que devias fugir, tu, Penteu, sai do palácio, vem mostrar-te a nossos olhos em figura de mulher — Baccante ou Mênade — espia de tua mãe e de suas companheiras!

(*Olhando o rei, que vem saindo do palácio*)

De uma das filhas de Cadmo tens o aspecto.

PENTEU

- 918 Olha! Parece que em dobro vejo o sol, que em dobro vejo Tebas, a Cidade das Sete Portas! E tu, que me conduzes, não se diria que mudaste em touro? Cornos te nasceram na fronte! Acaso fera não terias sido sempre? Que um touro tu és agora.

DIONISO

- 923 Agora nos assiste o deus, adverso antes; agora estás olhando o que devias olhar.

PENTEU

- 925 Mas, dize-me, a quem de semblante me pareço? Os ares tenho de Ino ou a figura de minha mãe Agave?

DIONISO

- 927 Em te vendo, a elas creio ver. Mas em que desalinho me chegas! Uma madeixa solta, que eu tão bem arranjara sob a mitra!

PENTEU

- 930 Soltou-se quando, lá dentro, há pouco, em delírio agitava a cabeça.

DIONISO

- 932 A nós que te servimos, recompô-la nos cabe. Ergue a frente!

PENTEU

- 934 Pronto! Enfeita-me tu. Em tuas mãos estou.

DIONISO

- 935 A cinta afrouxou. Com o peplo por demais alongado, não lhe caem as pregas a jeito.

PENTEU

- 937 Assim me parece, também — do lado direito, ao menos, porque deste lado até ao pé vem descendo.

DIONISO

- 939 Ter-me-ás como o primeiro de teus amigos, quando, ao invés do que pensas, vires como as Bacantes são castas.

PENTEU

- 941 E o tirso, como levá-lo para que me reconheçam por bacante? Na mão direita ou na esquerda?

DIONISO

- 943 Ergue-o na mão direita. E do mesmo lado, ao mesmo tempo, levanta o pé. Ah, podes te gabar de teu révo-luído senso!

PENTEU

- 945 Que achas? Não poderia até sobre os ombros carregar o Citeron inteiro e, com ele, as Bacantes?

DIONISO

- 947 Decerto, se o quisesses! Há pouco tua mente sofria; agora tens aquela que devias ter.

PENTEU

- 949 Tomo uma alavanca. Empenharei minhas mãos, o monte erguendo com o ombro ou os braços?

DIONISO

- 951 Não destruas um santuário das Ninfas, ou morada de Pã,³⁶ onde sua avena ressoa.

PENTEU

- 953 Bem que falas! Não usarei a força para vencer mulheres. Oculto permanecerei entre os abetos.

DIONISO

- 955 Sim, escondido ficarás no esconderijo que acharás para, às escondidas das Mênades, espiá-las.

PENTEU

- 957 Já se me afigura vê-las, como aves entre moitas, do amor cativas . . .

DIONISO

- 959 Por isso, não vais a espiá-las? Hás de apresá-las, — quem sabe? — se antes apresado não fores.

PENTEU

- 961 Vamos! Conduze-me através de Tebas, único varão que ousou tamanha empresa!

DIONISO

- 963 Só tu! Que só tu por esta cidade te esforças. Assim

te esperam combates dignos de ti. Segue-me, pois.
Como guia e salvador me tens. Outro te reconduzirá
de volta . . .

PENTEU

966 Sim, minha mãe.

DIONISO

967 Alvo serás de todos os olhares . . .

PENTEU

Por isso, vou.

DIONISO

968 Retornarás carregado . . .

PENTEU

Delicioso trato!

DIONISO

969 Nos braços de tua mãe . . .

PENTEU

De pompas me enches!

DIONISO

970 Pompas tais . . .

PENTEU (*afastando-se*)

Bem as mereci!

DIONISO

971 Terrível; ó terrível que és, e a penas terríveis que vais!

Glória acharás, escalando o céu. Estende teus braços,
Agave! Os braços estendei, ó filhas de Cadmo, esten-
dei os braços a este jovem que vos levo a combater
o grande combate . . . Mas o triunfador serei eu. Eu
e Brômio. Quanto ao mais, os acontecimentos que o
digam.

ESTÁSIMO

CORO

Estrofe

977 *Ide rápidas, ó Cadelas da Grande Raiva! Ide para a
montanha, para o tíaso em que dançam as filhas de
Cadmo. Aguilhoai-as contra o furioso que, vestido de
mulher, parte a espiar as Mênades. Sua mãe, primeira
será a vê-lo, do alto de uma penha calva, como um
leão à espreita; e o apelo lançará às Mênades: "Quem
é esse, ó Bacantes? Quem veio aqui aos montes, aos
montes, no rastro das mulheres de Tebas, nas monta-
nhas dançando?" Que em sangue de mulher, de cer-
teza origem não teve! Alguma leoa o gerou, ou é das
Górgonas Líbicas³⁷ progênie.*

992 *Que justiça aparente se faça. Que armada de
gládio venha e de morte trespassse a garganta
do ímpio, do celerado filho de Equíon, que a
terra gerou!³⁸*

Antístrofe

997 *Aquele que de insano desígnio e ira sem lei, ó Baco,
contra os teus e os maternos ritos atenta, com raiva
no peito e desespero na alma, querendo vencer o que
vencer não pode, inexorável a Morte o assalta, que aos
ímpios intentos o freio impõe. Nos mortais, um sóbrio*

pensar, inculposa mente para com o divino, é vida de dores isenta. Não invejo a humana ciência; a sabedoria me apraz seguir, de quantas coisas evidentes e grandes existem. Oh, que minha vida corra através da beleza vivida, noite e dia piedosa e santa, adorando os deuses e rejeitando as obras que Justiça impugna!

- 1012 *Que justiça aparente se faça. Que armada de gládio venha e de morte trespasse a garganta do ímpio, do celerado filho de Equíon, que a terra gerou!*

Epodo

- 1017 *Aparece em forma de um touro, de policéfalo dragão ou de flamejante leonina prole! Vai, ó Baco, de face ridente, vai, e em tuas redes apresa o caçador das Bacantes, que já entre seus bandos funestos jaz, caído por terra.*

EPISÓDIO V

MENSAGEIRO

- 1024 *Ó casa que por toda a Hélade outrora foste ditosa, morada do velho sidônio,³⁹ que em nosso solo plantou os dentes do dragão, da fera terrígena! Por ti choro, embora servo, pois, na desgraça, servos bons aos senhores se ajuntam.*

CORO

- 1029 *Que há? Que novas proezas das Bacantes nos vens anunciar?*

MENSAGEIRO

- 1030 *Morto é Penteu, o filho de Equíon.*

CORO

- 1031 *Brômio Soberano, deus grande és tu!*

MENSAGEIRO

- 1032 *Como? Que dizes, mulher? Regozijo ostentas diante das penas de nossos senhores?*

CORO

- 1034 *Sou estrangeira. Meus sentimentos expresso em cantos bárbaros; o temor das cadeias não mais me faz tremer.*

MENSAGEIRO

- 1036 *Tão covardes os tebanos crês ****

CORO

- 1037 *Sobre mim só Dioniso, só o filho de Zeus tem poder; Tebas não!*

MENSAGEIRO

- 1039 *De vós não discordo. Mas torpeza indigna, ó mulheres, não será exultar com a desgraça alheia?*

CORO

- 1041 *Vamos! Conta, dize que morte encontrou o iníquo que iníquas obras cumpriu.*

MENSAGEIRO

- 1043 *Ao deixar as moradas desta cidade tebana, e a corrente do Asopo passada, galgamos as vertentes do Citeron, Penteu, senhor nosso, eu após suas pisadas seguindo, e o forasteiro que nos guiava.*

- 1048 *Alto fizemos num vale herboso, mudos abafando os passos, íamos a sem ser vistos, vermos. Estreita gar-*

ganta de goela escarpada, onde corriam arroios à sombra de pinhos, essa era onde acampavam as Mênades, todas entregues a obras graças. Cuidavam umas de com hera coroar os tirso desfolhados. Outras, quais poldras fugidas aos jugos, se entrejogavam os cantos báquicos. Exclama, então, o desditoso Penteu, que não vira o feminino tropel: “Estrangeiro, do lugar em que estamos não enxergo as Mênades, nem seus afrontosos trabalhos! Mas grimpendo no abeto altaneiro, sobre esta penha aprumado, decerto hei de ver as vergonhas que fazem”.

- 1063 Do forasteiro, ó prodígio grande a que assisti então! Pega da alta ramada de um pinheiro alteando-se para o céu, e ao solo negro o verga, o verga. . . Semelhante a um arco que tendesse, ou ao volúvel — que o compasso descreve, assim o estrangeiro domou os ramos da árvore, com força que a dos mortais supera. E tendo entre as frondes colocado Penteu, lentamente, sem que das mãos o largue, deixa que o tronco se alce, cuidando de que a montada o cavaleiro não desmonte, antes de a meta alcançar. Reto para o céu, o pinho endireitou as ramadas, levando meu senhor em seu dorso, e antes que descobrisse as Mênades, delas a descoberto ficou. Mal o vimos, lá no cimo escanchado, e a nossos olhos o estrangeiro sumido, do alto ressoa uma voz, — que era a de Dioniso, sem dúvida: “Mulheres! O homem vos trago, que de vós escarnece, de mim e dos meus ritos! A ele! Puni-o!” Ainda falava, e um fogo divino rompia, ligando o céu à terra.

- 1084 Silêncio no ar. Silêncio na folhagem do vale frondoso. Nem um só grito de fera se ouvia. Elas, que indistinta escutaram a voz, se erguiam, para todos os lados es-

piando. De novo o deus clamou. Claramente escutando que de Báquio era a voz, logo arremetem as filhas de Cadmo: velozes, não menos que pombas voando, em acordado alvoroço acorrem — Agave, mãe de Penteu, suas irmãs com ela, todas as Bacantes, torrentes e escarpas do vale transpõem de salto, no furor indômito que o deus lhes inspira. E eis que de súbito avistam meu rei, lá no alto abeto postado! Logo um penedo escalam, à árvore fronteiro, uma chuva de pedras despedem, assaltam-no com ramos de pinho, arremessam outras pelos ares os tirso, a Penteu, miserando alvo, sem que lhe acertem, tolhido de medo, mas alto demais para que a fúria o atinja. Entram, por fim, de quebrar com fragor lenhos de roble, e com tais alavancas sem ferro intentam descalçar as raízes da árvore, escarvando a terra. E como da obra não chegam a cabo, Agave exclama: “Acercai-vos em volta, ó Mênades, empunhai esse tronco, capturemos a aérea fera, para que os coros secretos de nosso deus revelar não possa!” Miríades de mãos se apoderam do pinho, e do solo o arrancam! Do vértice, por terra cai vertiginosamente, soltando lamentos, Penteu, que bem próximo o fim sentia chegado.

- 1114 Primeira sacrificadora, a mãe, a defronte dele se achega. Arremessando fora a mitra, para que a inditosa Agave enfim o reconheça, Penteu o rosto da mãe acarinha, e lhe fala: “Mãe, sou eu. Sou teu filho, Penteu, o que deste à luz no palácio de Equión. Mãe, de mim te apieda; teu filho, por erros seus, não queiras imolar”. Mas não o escuta ela, Agave, de lábios escumantes e de olhos revoltos, desprovida de senso, de Baco possessa. De ambas as mãos lhe segura o braço esquerdo, e com seu corpo em arco tendido, pés finca-

dos no flanco do mísero, lho arranca da espádua, não com a própria força apenas, mas com aquela que em suas mãos um deus depôs. Do outro lado, com igual esforço se aplicava Ino, dilacerando-lhe as carnes, e vinha depois Autônoe com as demais Bacantes todas. Era um rumor confuso, gemendo ele, com o último alento, gritando elas o clamor da fúria. Levava esta um braço, aquela um pé, calçado ainda. Desnudados, já lhe apareciam os ossos, nos flancos abertos. Todas, de mãos sanguinolentas, como bolas se entrejogavam as carnes de Penteu, em farrapos.

1137 O corpo lhe jaz disperso entre os ásperos penedos e as touças do bosque, onde seria difícil achá-lo. A cabeça do infeliz, tomou-a a mãe em suas mãos e a espetou na ponta do tirso. Crê ela que cerviz de leão pelo Citeron carrega! Repleta de orgulho pelo despojo funesto, deixou suas irmãs dançando com as Ménades e agora vem vindo direito a nossos muros, invocando Báquio que com ela à caça andou — o triunfador a quem faz oferta de um troféu banhado em lágrimas . . .

1148 Eu me retiro; de tamanho infortúnio me aparto. Agave não quero ver, quando junto chegar a este palácio. Ah, é bem certo: nada melhor do que guardar a medida e com reverência aos deuses servir. Que tal é, para os mortais, o porte mais sábio e o mais prudente, sem dúvida.

ESTÁSIMO

CORO

1153 *Que nossos passos celebrem Báquio; e nossos brados,*

o infortúnio de Penteu, cria do dragão. Com vestes de mulher e uma nartécia volvida em tirso (signo de morte certa!), lá vai, seguindo o touro, a caminho da perdição. Bacantes cadméias, entoastes gloriosamente um canto triunfal que se esvai em lamentos, que em lágrimas se esvai. Vede a nobre lide: cingir o corpo de um filho, cujo sangue lhe escorre nos braços . . .

1156 Silêncio, que acorrendo a estes muros vejo chegar a mãe de Penteu, Agave, de tresloucado olhar. Acolhei o séqüito da évia divindade.

ÊXODO

AGAVE

1168 Bacantes da Ásia . . .

CORO

Ó . . . por que me provocas?

AGAVE

1169 Das montanhas a este palácio trazemos ramagem de recém-colhida hera, ditosa caça!

CORO

1172 Bem vejo. Entra em nosso coro.

AGAVE

1174 Sem rede apresei esta criaturinha de leão agreste. Olhai . . .

CORO

De onde vem ele, dizê . . .

AGAVE

1177 O Citeron . . .

CORO

. . . Sim, o Citeron?

AGAVE

Lhe deu a morte.

CORO

1179 Quem o feriu?

AGAVE

1180 Eu, primeiro. Privilégio meu! "Bem-aventurada Agave"
me hão de proclamar nos tíasos.

CORO

1181 E quem mais?

AGAVE

De Cadmo . . .

CORO

1182 . . . de Cadmo?

AGAVE

As duas filhas, mas depois de mim, depois de mim,
atingiram a fera. Ó venturosa caça!

CORO

AGAVE

1184 Participa do meu festim.

122

CORO

Como? Participar . . . ó infeliz!

AGAVE

1185 É um tenro vitelinho; mal lhe aponta uma pelugem na
face, sob a juba delicada.

CORO

Sim, à de uma fera agreste se lhe assemelha a crina.

AGAVE

1189 Na sua trilha, Baco, o hábil caçador, habilmente lan-
çou as Mênades.

CORO

Caçador é Dioniso, senhor nosso!

AGAVE

Louvores para mim?

CORO

Ó sim, louvores te rendo!

AGAVE

1194 Agora mesmo os tebanos . . .

CORO

. . . e teu filho Penteu . . .

AGAVE

. . . louvará sua mãe, que esta fera leonina apresou.

CORO

Prodigiosa presa!

123

AGAVE

Prodigiosamente apresada.

CORO

Jubilas?

AGAVE

1197 Rejubilo, sim, por meus tão grandes feitos, e manifestos por esta corrida às feras.

CORO

1200 Infeliz! Vai, mostra aos cidadãos o triunfal despojo que em tuas mãos lhes trazes.

AGAVE

1202 Habitantes do bem muralhado burgo de Tebas, vinde e olhai este troféu, a fera derrubada pelas filhas de Cadmo, não com os apresilhados chuços da Tessália, nem sob as malhas de uma rede, mas só com as brancas lâminas de suas mãos. De que se gabam os caçadores que nos armeiros se munem de vãos engenhos, quando nós, só por nossas mãos a besta apresamos, só com elas o monstro dilaceramos? Onde está meu velho pai? Que venha já. E meu filho Penteu? Que apronte uma escada, ao muro do palácio a encoste e suba os degraus, a pregar nos tríglifos esta cabeça de leão que da caça eu trouxe como troféu.

CADMO (*entrando em cena, com os servos que transportam os despojos de Penteu*)

1216 Segui-me, ó portadores desse mísero fardo. Vinde, meus servos, para que, frente ao palácio, deponha o corpo de Penteu, que tanto e tão dificilmente procurei,

até achá-los nos recônditos do Citeron, em pedaços dispersos por todo o emaranhado dos bosques. Depois de haver deixado as Bacantes e, com o velho Tirésias, já dentro da cidade, ouvi falar do tremendo gesto de minhas filhas. Voltei à montanha, donde regresso com o cadáver de meu filho, trucidado pelas Mênades. Lá vi Autônoe, mulher de Aristeu e mãe de Actéon, com sua irmã Ino, vagueando pelos bosques, tocadas pelo funesto aguilhão da demência. Mas a outra, Agave, disseram-me que para estes lugares vinha, a seus passos de Bacante — e verdade é o que ouvi, pois a vejo agora, sinistra imagem!

AGAVE

1233 Pai, podes exultar em teu supremo orgulho: geraste as filhas mais intrépidas que algum mortal jamais gerou! Digo-o de todas, e de mim, para além das outras, que abandonei fuso e tear, para subir mais alto, e com minhas mãos inermes dar caça às bestas ferozes. E vêm que em braços trago a prova de meu valor — que pregada seja aos muros de teu palácio. Tu, meu pai, recebe-a em tuas mãos. Orgulha-te com estes despojos, a teus amigos oferece um regalo, pois feliz, feliz és tu, porque tais façanhas pudemos cometer.

CADMO

1244 Ó dor sem medida e horrenda de ver! Assassínio, foi a proeza de vossas tristes mãos. Belo, em verdade, o sacrifício que ofereceis aos deuses, a mim e a Tebas convocando ao banquete! Lamento tua desgraça, primeiro; e depois, a minha. O deus nos trouxe a perdição, talvez com justiça, mas excessiva, decerto, Brômio Soberano, nato de nossa estirpe.

AGAVE

1251 Ah, como é irascível a velhice e de carregado sobrece-
nho! Quisera eu que hábil caçador fosse meu filho e
que, imitando o exemplo da mãe, entre os nossos jo-
vens seguisse a pista das feras. Mas, que sabe ele, se-
não lutar contra os deuses? Pai, a ti compete admoes-
tá-lo. Chamem-no aqui, diante de meus olhos, para que
veja como sou feliz.

CADMO

1259 Desgraça! Desgraça! Terrível dor ides sofrer, quando
souberdes o que fizestes! Ainda se até o fim permanecê-
seis no estado em que vos encontrais, acreditar-se-ia,
ao menos, que, não sendo felizes, a infelicidade desco-
nheceríeis.

AGAVE

1263 Mas onde vês aqui a desgraça ou a dor?

CADMO

Levanta, primeiro, teus olhos ao céu.

AGAVE

Ei-los, ao céu erguidos! Mas por que me dizes que o
olhe assim?

CADMO

Será ainda o mesmo ou já mudou para ti?

AGAVE

Parece-me mais brilhante do que nunca, e mais diá-
fano.

CADMO

1268 Ainda a mesma perturbação te ensombra a alma?

AGAVE

Não entendo o que queres dizer, mas de algum modo
minha mente se esclarece e meus sentidos mudaram.

CADMO

Vais ouvir-me e responder com clareza?

AGAVE

Sim, meu pai, pois esqueci o que antes falava.

CADMO

1273 Dize-me, qual foi a casa a que as núpcias te levaram?

AGAVE

A Equión me deste, ao que dizem ter nascido dos den-
tes do dragão.

CADMO

Que filho gerou ele, teu esposo, em seu palácio?

AGAVE

Penteu, foi o filho que em comum tivemos.

CADMO

Pois bem, que cabeça seguras nos braços?

AGAVE

1278 A de um leão — diziam minhas companheiras de caça.

CADMO

Observa bem; diminuto esforço te custará olhar.

AGAVE

Ah, mas que vejo? Que presa é esta que em meus bra-
ços trago?

CADMO

Vamos, examina-a, e reconhece-a mais claramente.

AGAVE

Vejo, infeliz de mim, uma dor imensa!

CADMO

1283 E a ti, parece-te que a um leão se assemelha?

AGAVE

Não, desgraçada que sou... é a cabeça de Penteu!

CADMO

E chorada, antes que a reconhecesses!

AGAVE

Quem o matou? Como veio parar em minhas mãos?

CADMO

Triste verdade, que não apareceste no momento azado!

AGAVE

1288 Fala! Meu coração estremece de apreensão, sobre o que virá ainda.

CADMO

Tu o mataste, tu mesma, com tuas irmãs.

AGAVE

Onde morreu? Em meu palácio? Ou em que lugares?

CADMO

Onde, outrora, Actéon foi dilacerado por seus cães

AGAVE

E para o Citeron, a que foi este infeliz?

CADMO

1293 Lá foi para insultar o deus e as suas orgias.

AGAVE

E que nos fez ir em busca de semelhantes paragens?

CADMO

Possessas do delírio de Baco, e convosco toda a cidade.

AGAVE

Dioniso nos perdeu; agora o vejo!

CADMO

Sim, porque o ultrajaste, negando que ele fosse um deus.

AGAVE

1298 Pai, onde está o corpo de meu filho amado?

CADMO

Eu o trouxe, com dificuldade o achei.

AGAVE

Todos os seus membros estão apropriadamente juntos?

1301 Mas que parte coube a Penteu em minha demência?

CADMO

1302 A vós se igualou, em não venerar o deus. De uma vez só, a todos nos envolveu em comum desgraça, para ar-

ruinar minha casa, sim, a vós, a ele mesmo, e a mim, que, privado de descendência masculina, vejo este filho de teu ventre — infeliz que és —, atingido de morte tão vil e horrenda.

(Para o cadáver de Penteu)

1308 Tu, para quem esta casa erguia seus olhares, tu que protegias e preservavas meu palácio, ó filho de minha filha, tu, diante de quem a cidade tremia, não ousando afrontar este velho, quando punha os olhos em teu viso, com receio de justo castigo! Agora, desonrado, hei de ser banido, eu, o grande Cadmo, que semeou e ceifou a mais bela messe, a raça dos tebanos! Ó tu, o mais caro dos homens — pois ainda que já não existas, contado serás entre os mais queridos dos meus —, não mais tua mão tocará esta barba, não mais me abraçarás, chamando-me pai de tua mãe e dizendo: “Velho, quem te ofende e te insulta? Quem te revolve o coração dolorido? Dize, meu pai, que eu punirei quem te ultraja!” E agora aqui estou, mísero eu, como tu; deplorável tua mãe, e desditosas tuas irmãs. Se algures existe um ofensor dos deuses que, vendo esta morte, neles creia!

CORO

1327 Cadmo, dói-me a tua dor; justamente punido foi o filho de tua filha, mas grande é o teu desgosto.

AGAVE

Vês, ó pai, quanto meu espírito mudou? * * * * *

DIONISO

* * * * *

1330 Mudando de forma, dragão serás, e Harmonia, filha de Ares, que esposaste, embora mortal, transmutada em fera, será serpente. Diz um vaticínio de Zeus que conduzirás, com tua mulher, um carro jungido a bois e, à frente de bárbaros, com inumerável exército, pilharás cidades sem conta. Mas, quando vierem a assolar o templo oracular de Lóxias,⁴⁰ em ignominiosa retirada fugirão. Ares te salvará, a ti e a Harmonia, e para a terra dos bem-aventurados te mudará em vida. Isto to digo eu, Dioniso, que sou filho de Zeus, e não de um pai mortal. Se a sabedoria houvésseis conhecido — mas não o quisestes —, sempre teríeis gozado de ventura, com Baco por aliado.

AGAVE

1344 Dioniso, piedade, que te ofendemos!

DIONISO

Tarde me encontrei! Não me conhecestes, quando importava.

AGAVE

Isso compreendemos; mas chegaste ao último extremo.

DIONISO

Deus nascido, foi de vós que sofri ultrajes.

AGAVE

Não convém aos deuses ter paixões de mortais.

DIONISO

1349 Zeus, meu pai, de há muito previra vossos destinos.

agem os deuses ao invés do que esperamos. O que esperávamos não foi cumprido; e para o inesperado a divindade descobre o caminho. Assim termina o drama.⁴²

CAI O PANO

NOTAS DO EDITOR

1. O nascimento de Dioniso se deu em condições obscuras e estranhas. Filho de Zeus, o supremo deus dos gregos, que dominava as alturas do Olimpo com seus raios e trovões, nasceu no momento em que Sêmele, sua mãe, atraída ao castigo pela ciumenta Hera, viu o esplendor de Zeus e foi fulminada. Esta versão da origem de Dioniso está nos versos 286 e seguintes.
2. Dirce, fonte sagrada, filha de Aquelôo, grande rio da Grécia, que dá nome também a um deus fluvial. Conforme os versos 519 e seguintes, esta fonte esteve presente às origens de Dioniso.
3. Ismeno, rio e divindade fluvial, filho de Asopo e Metope.
4. Hera, irmã e esposa de Zeus, sempre ciumenta e rancorosa. Venerada como esposa fiel e defensora dos humanos, era a protetora do casamento, da família e da fecundidade. (Juno, na mitologia romana.)
5. Mênades — outra designação para as Bacantes — era também o nome das ninfas que animavam o cortejo de Dioniso. Etimologicamente quer dizer *loucas, agitadas*.
6. Tmolo, monte ao pé do qual fica a cidade de Sardes, capital da antiga Lídia.
7. Réia, filha de Urano e de Géia, mulher de Cronos e mãe de Zeus. Dioniso quer aqui reafirmar sua ascendência divina.
8. Brômio, como Baco, é um epíteto de Dioniso, etimologica-

mente relativo ao frêmito e ao ruído que acompanhavam seu culto.

9. Cibele, deusa originária da Ásia Menor, considerada como mãe dos deuses e personificação da natureza, foi muito cultuada na Grécia e em Roma. Comumente identificada com Réia, deusa mãe, a ela, como a Dioniso, eram dedicados ruidosos festejos.

10. Moiras, divindades irmãs, em número de três (Cloto, Láque-sis e Átropos) que governavam a vida e o destino dos homens. (Denominavam-se Parcas, entre os romanos.)

11. Curetos eram os gênios que dançavam em torno do berço de Zeus infante, para afastar a fúria de Cronos, que devorava os filhos.

12. Coribantes, sacerdotes frígios de Cibele, que celebravam seus cultos frenéticos com danças e címbalos.

13. Sátiros, divindades que povoavam os campos, representadas com corpo humano, mas com chifres, patas e cauda de bode. Celebravam constantemente, com Dioniso, as alegrias da vida, dançando e tocando flauta.

14. Évio, outro epíteto de Dioniso.

15. Afrodite, filha de Urano e Géia (o céu e a terra), deusa da beleza e do amor (Vênus, na mitologia romana). Mãe de Eros (Cupido, entre os romanos) e de Antero, que, respectivamente, favorecia a paixão e vingava o amor não correspondido, era muito venerada em Tebas e Corinto.

16. Ino, filha de Cadmo e de Harmonia e esposa de Atamante, fugiu à loucura do marido, lançando-se ao mar junto com seu filho. Tornou-se divindade marinha, com o nome de Leucotéia.

17. Actéon, caçador que Ártemis transformou, por castigo, em

cervo, tendo sido devorado por seus próprios cães. Cf. os versos 337 a 342.

18. *Os presságios alados e as entranhas das vítimas* — os adivinhos e sacerdotes faziam suas predições consultando e interpretando o vôo das aves e as vísceras dos animais sacrificados, considerados como sinais sobrenaturais e augúrios.

19. Deméter, irmã de Zeus, divindade protetora do trigo, dos campos e das colheitas. (Ceres, entre os romanos.)

20. Asteriscos assinalam lacunas no original. (N. do T.)

21. Ares (Marte, entre os romanos), deus da guerra, filho de Zeus e Hera, possuía um templo em Tebas.

22. Cípride, outro nome de Afrodite, nascida no mar, perto de Creta.

23. Febo, o Brilhante, outro nome dado a Apolo, filho de Zeus e de Leto, deus do sol, símbolo da beleza, que tinha o dom da profecia e da cura.

24. Ártemis, irmã de Apolo, deusa protetora dos animais selvagens e das florestas. (Diana, entre os romanos.)

25. Urânides, filhas de Urano, habitantes das alturas.

26. Cárites, filhas de Zeus, chamadas as três Graças (Agláé, Eufrosina e Talia), personificavam a beleza.

27. O nome de Penteu é aqui empregado em razão de sua etimologia, ligada ao verbo grego *chorar, lamentar*.

28. Ditirambo, outro epíteto de Dioniso, referindo-se etimologicamente à duplicidade de seu nascimento — de Sêmele e da coxa de Zeus.

29. Báquio, ainda outro epíteto de Dioniso, ligado etimologicamente ao delírio e ao estrépito que compunham seu culto.

30. Equíon ctônio (ou surgido do interior da terra), um dos cinco filhos de Cadmo. Segundo a lenda, Cadmo, na fundação de Tebas, venceu um terrível dragão, arrancou-lhe os dentes e os plantou na terra, donde nasceram seus filhos (ver, a propósito, o verso 1026).

31. Orfeu, o mais famoso aedo grego, inventor da lira e do canto, atraía e pacificava todos os seres com sua música.

32. Íaco, nome que etimologicamente significa *grito*, servia também de epíteto a Dioniso.

33. Asopo, rio da região de Tebas e divindade fluvial.

34. *Portas de Electra* — um apelo ao espírito vingativo de Electra, filha de Agamenon e de Clitemnestra, que, com a ajuda de seu irmão Orestes, matou a própria mãe para vingar a honra do pai.

35. Hades, deus infernal que reinava nas profundezas da terra, lugar tenebroso e habitação dos mortos. (Plutão, entre os romanos.)

36. Ninfas e Pã, divindades campestres, sempre presentes nas orgias báquicas.

37. Górgonas Líbias, entidades monstruosas, com a cabeça coberta de serpentes e que viviam na Líbia. A mais perigosa das Górgonas foi Medusa, vencida por Perseu.

38. Ver nota n.º 30.

39. *Morada do velho sidônio* — referência à origem fenícia de Cadmo.

40. *Templo oracular de Lóxias* — o oráculo de Apolo, o qual recebia o epíteto de Lóxias (que significa *dúvida, ambigüidade*) por causa da freqüente dubiedade na interpretação de suas revelações.

41. Aqueronte, rio que banha o inferno e em cujas águas navegava a barca de Caronte, levando os condenados.

42. Este final, versos 1388 a 1392, é comum às duas tragédias, *Medéia* e *As Bacantes*, aqui apresentadas, e aparece também em outras peças de Eurípidés, como *Alceste*, *Andrômaca* e *Helena*.